

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

MAYARA DOS ANJOS LIMA

UMA LEITURA DA *PHILÍA*, A AMIZADE, EM PLUTARCO E CÍCERO

ITABAIANA/SE

2016

MAYARA DOS ANJOS LIMA

UMA LEITURA DA *PHILÍA*, A AMIZADE, EM PLUTARCO E CÍCERO

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de graduada em Letras Português Licenciatura.

Orientadora: Profa. Dra. Luciene Lages Silva.

ITABAIANA/SE

2016

Mayara dos Anjos Lima

UMA LEITURA DA *PHILIA*, A AMIZADE, EM PLUTARCO E CÍCERO

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de graduada em Letras Português Licenciatura.

Aprovado em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

José Amarante Santos Sobrinho – UFBA

Luciene Lages Silva – UFS
(Orientadora)

Aos meus pais e ao meu esposo, como
forma de recompensa por toda a ajuda ao
longo desse percurso.

AGRADECIMENTOS

A Deus agradeço por essa conquista e peço a Ele discernimento para conquistar muito mais. A minha vida entreguei nas tuas mãos, Senhor, e me carregastes rumo à realização de um sonho.

Essa conquista, porém, não seria possível sem meus pais, Elias e Mailda, que tanto me deram força nessa longa jornada. Pai, o senhor sempre foi meu maior exemplo de ser humano e fez o possível para que eu pudesse vencer. Mãe, a senhora foi, é e será por toda vida minha melhor amiga e confidente. Sem seus conselhos e seu colo eu não teria chegado até aqui. Como disse Coelho Neto: “É na educação dos filhos que se revelam as virtudes dos pais”.

Ao meu esposo agradeço por estar ao meu lado e sonhar meus sonhos, auxiliando-me sempre em tudo que foi necessário.

Mas agora é chegada a hora de agradecer a quem - mais do que qualquer pessoa - me deu forças para conseguir concluir este trabalho: Elias Júnior (*in memoriam*). Muitas pessoas têm irmãos, eu, contudo, tenho um anjo. Nos momentos de angústia e dificuldade era a ti que eu recorria e conversava em silêncio. Obrigada, anjo.

À Profa. Dra. Luciene Lages, meus mais sinceros agradecimentos por orientar-me de maneira que eu conseguia visualizar uma amiga disposta a ajudar sempre. Foi a partir do contato contigo que passei a apaixonar-me pelo mundo clássico.

Por fim, aos meus alunos, por me impulsionarem a aprender sempre mais, a fim de transmitir o melhor para eles.



“Porque sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens”.

(ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, VIII,
1555a).

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo demonstrar levantamentos realizados na área da Literatura Greco-latina e possui como foco principal o estudo da *philia*, a amizade, a partir de obras de Plutarco e Cícero, em uma tentativa de verificar os tipos de amizade que coexistiam na Antiguidade Clássica, bem como o que para os gregos e romanos era considerado como amizade, bajulação ou inimizade, por exemplo. Para o desenvolvimento da pesquisa foi essencial a leitura de *Como tirar proveito de seus inimigos*, na tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva, e *Como distinguir o bajulador do amigo*, traduzido por Célia Gambini, ambas as obras de Plutarco; também *Lélio, ou a Amizade*, obra ciceroniana traduzida para o português por Paulo Neves. Estas três obras compõem o *corpus* para essa análise, contudo, além delas foram utilizados como referências complementares Silva (2006), Aristóteles (*Arte retórica e Arte Poética*, 1995) e principalmente Konstan (2005), que quase em sua completude retrata a questão da amizade. Como resultados das análises feitas pode-se inferir que os textos de Plutarco e Cícero possuem um alto teor filosófico, moralista e pedagógico, na tentativa de mostrar o que vem a ser a *philia*. Para Cícero a amizade é baseada no desejo de ver o 'outro' bem e não há vínculos, pelo menos *a priori*, com a utilidade. E em Plutarco vê-se que a amizade verdadeira está presente em seres virtuosos, muito diferente do bajulador e do inimigo. Por meio deste é possível mediar as próprias ações e caminhar sentido à moral e a partir do bajulador é possível observar características que, apesar de em certa medida parecerem similares, não se aplica a um amigo.

PALAVRAS-CHAVE: Cícero; Plutarco; *Philia*.

ABSTRACT

This work has the aimed of demonstrate surveys accomplished in the area of the Greek and Roman Literature and It has as its main focus the study of the *philia*, the friendship, of the Plutarch's and Cicero's Masterpieces , in an attempt to verify the types of friendship that It had coexisted in the Classic Antiquity, as well as what for the Greeks and Romans were considered as friendship, flattery or enmity, for example. For the development of the research it has been essentially to read How to take Advantage of our enemies. It has been translated by Maria Aparecida de Oliveira Silva, and How to distinguish the flatterer from the friend, It has been translated by Célia Gambini, both masterpieces of Plutarch; Also Lélío, or the friendship, a Ciceronian masterpiece It has been translated into Portuguese by Paulo Neves. These three masterpieces has been studied for the formation of this work, however, besides these masterpieces It has used as complementary bibliography of Silva (2006), Aristotle (1995) and mainly Konstan (2005), which almost in its completeness illustrate the question of friendship. As the result of the analysis, it could be inferred that the texts of Plutarch and Cicero have a high philosophical , moralistic and pedagogical subjects, in an attempt to show what is *philia* . Cicero considers that the friendship is based on the desire to see the 'other' good and there are not relationships, at least , in the beginning , with the useful. To Plutarch the true friendship is presents in virtuous human beings , it is very different from the flatterer and the enemy. Because of this, it is possible to observe our own actions and to became moral human beings. To the Flatterer it has been possible to observe characteristics that, although It appeared similar, It has not applied to a friend.

KEYWORDS: Cicero; Plutarch; Philia.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Aquiles tratando os ferimentos de Pátroclo.....	22
FIGURA 2- Amizade e Política na Antiguidade	23
FIGURA 3- O suicídio de Ájax.....	24

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	11
2- A AMIZADE NA ANTIGUIDADE	18
3- A RETÓRICA	26
4- CÍCERO	31
4.1. A RELAÇÃO ENTRE LÉLIO E CIPIÃO, EM CÍCERO.....	33
5- PLUTARCO	42
5.1- O INIMIGO COMO CONDUTOR PARA A MORAL	44
5.2- A BAJULAÇÃO: FACETA DA FALSIDADE	48
6- PEQUENOS APONTAMENTOS ACERCA DA AMIZADE	52
7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56

1- INTRODUÇÃO

As relações humanas sempre existiram e para sempre serão presentes em nosso meio enquanto houver existência humana na Terra. Estas são fundamentais para o desenvolvimento individual ou coletivo do ser humano e é por meio delas que surge a sociedade, entendida como um aglomerado de indivíduos que ocupam determinado espaço. A dificuldade humana de viver isolado faz com que o homem acabe criando habilidades para lidar com o outro, do qual necessita para concretizar diversas atividades.

A amizade que se constitui como uma maneira de criar vínculos afetivos entre pessoas é um sentimento bastante antigo e que permeia as relações sociais. Na atualidade, as pessoas se dizem amigas, mas o real significado do termo “amizade” passou a ser banalizado e utilizado para designar relações que não necessariamente deveriam ser assim classificadas. Os vínculos são muito mais criados a fim de extrair do contato alguma vantagem, do que simplesmente por afeição pessoal e nesse ponto é que se percebe o quão certos estavam os autores da Grécia Antiga e de Roma que explanaram a respeito da *phília*. O tempo passou, mas essas relações ainda continuam sendo formuladas por motivações afins:

A amizade é, portanto, o que os antropólogos chamam de uma relação adquirida e não uma relação atribuída; a última é baseada em status, ao passo que a primeira é, em princípio, independente de uma conexão formal anterior, tal como o parentesco ou a etnicidade. Uma relação conquistada não significa necessariamente uma relação em cujo cerne haja uma escolha livre ou pessoal.” (KONSTAN, 2005, p. 1).

Esta pesquisa terá como objetivo demonstrar levantamentos que serão realizados na área da Literatura Clássica e que possuirá como foco principal o estudo da temática da amizade, que é a *phília* em grego, pois “o assunto me pareceu valer efetivamente a pena, para a edificação de todos [...]” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 71), procurando verificar quais os tipos de amizade que coexistiam na Antiguidade Clássica, assim como o que para os gregos e romanos era considerado como amizade, bajulação ou inimizade, por exemplo.

Dessa forma será possível perceber como eles lidavam com esses sentimentos e a partir de cada tipo de relação que estabeleciam entre si buscar

identificar a maneira como a Filosofia Moral e a Retórica são incutidas nas obras de Cícero e Plutarco, as quais centralizam suas temáticas na amizade. Plutarco que escreveu suas obras em grego viveu período do Império Romano e Cícero, que escreveu em latim, viveu no período republicano e foi um dos defensores da República.

Plutarco fala em *Como tirar proveito dos seus inimigos*, parafraseando Antístenes - filósofo ateniense e discípulo de Sócrates – “aqueles que são cuidadosos em se preservar necessitam de amigos verdadeiros ou inimigos inflamados; pois aqueles, por nos admoestarem, e os outros, por nos censurarem, afastando-nos dos erros.” (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 61-62) ¹.

Aristóteles que servirá com sua *Retórica* de suporte para este estudo divide a amizade, na obra *Ética a Nicômano* em três categorias: A amizade útil, que é fundamentada em algum tipo de interesse e não no puro apresso pelo outro. Portanto, quando se deixa de necessitar do outro, a amizade acaba; a amizade agradável, quando se estabelece uma relação afetiva com o outro por achá-lo agradável, uma boa companhia, sendo desta maneira uma espécie de egoísmo e não uma amizade verdadeira; e, a amizade perfeita, que ocorre entre indivíduos que são dotados de bondade e semelhantes no caráter, desejando sempre o bem para o outro, porque em si só residem bons sentimentos e não rivalidades.

Por meio desses apontamentos, surgem algumas curiosidades: Como eram as relações de amizade na Antiguidade? Quem para eles eram amigos? Qual a importância que estes tinham na sua vida? E os inimigos, como eram enxergados? De que modo o amigo e o inimigo colaboravam para a formação moral de determinado indivíduo? São essas indagações que servirão como paradigma para o estudo do tema central deste trabalho, baseando-se para isso em dois autores que utilizaram esse tema para criação de algumas de suas obras: Plutarco e Cícero.

Do mesmo modo que Aristóteles em sua *Ética a Nicômano* (IV a.C), Montaigne, nos seus *Ensaio*s (1946), Francisco Alberoni, em *A amizade* (1989), Gerardo Castillo, em *Educar para a amizade* (1999), por exemplo, deram uma

¹ Todas as citações de *Como tirar proveito dos seus inimigos* presentes neste trabalho são da tradutora Maria Aparecida de Oliveira Silva.

atenção singular à *philia* grega. E, diante de tema tão fértil associado à afeição por Plutarco e Cícero, estes foram tomados como *corpus* principal para a pesquisa.

Assim, através da leitura e estudo comparativo de duas obras de Plutarco, *Como tirar proveito de seus inimigos* e *Como distinguir o bajulador do amigo*, e de *Lélio, ou a Amizade*, de Cícero, procurar-se-á perceber quais as permanências ou alterações, se houver, no posicionamento concernente à temática em ambos, pois, no transcurso da história, essas obras permaneceram de alguma forma na memória da coletividade e por sucessivas leituras nunca deixaram de ser atuais.

As motivações que conduziram à escolha desse tema para estudo surgiram por meio do conhecimento adquirido ao longo de um ano de pesquisa (2015-2016), veiculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), trabalhando na área da Mitologia Grega com o estudo de cenas de banho divino e a punição ao *voyeur*, atrelado à atuação em projeto anterior de monitoria de Língua Latina e Filologia Românica (2014-2015), ambos orientados pela Profa. Dra. Luciene Lages Silva, levando a desenvolver o interesse acentuado pela área da Literatura Clássica. A partir disto é que ficou decidido continuar em pesquisas com seguimentos semelhantes, voltados, nesse caso, para o estudo de alguns textos da Antiguidade Clássica, que serão posteriormente detalhados.

O homem moderno vive refém do estresse diário, da ansiedade, das disputas pelo poder e da rivalidade, necessitando, portanto, de algo que seja voltado para os valores os quais nunca deveriam ter deixado de serem priorizados, conduzindo seu pensamento para reavaliar o modo como vive. Como afirma Plutarco: “Não existe atividade política que esteja ausente da rivalidade, do ciúme e da inveja, por conseguinte, das inimizades que nascem das paixões” (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 13.). É diante desse cenário político e social no qual a sociedade está imersa que os estudos voltados para a Antiguidade tornam-se altamente atraentes, haja vista que os gregos e romanos em muito contribuíram para o mundo ocidental, seja no que se refere às relações políticas, sociais, na ética ou nas artes, por exemplo. Seu legado, hoje, é um dos pilares da sociedade ocidental, pois deles foram incutidos valores e conhecimentos que levaram ao aprimoramento de atividades em diversos setores, sejam eles científicos ou culturais.

É diante da busca por ascensão social que as pessoas deixaram de lado sentimentos essenciais como a amizade. Ela colabora para a saúde física e mental, porque são ativadas áreas do cérebro e liberadas substâncias hormonais que favorecem o bem estar. É imprescindível para a vida humana e como disse Cícero em *A amizade*: “A amizade, com efeito, é a única dentre as questões humanas cuja utilidade é unanimemente reconhecida por todos.” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 132.)². Mas, atualmente, é questionável se existe amizade verdadeira “Visto que a amizade hoje se tornou uma voz fraca no momento em que se deve falar abertamente, [...]” (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 62). Indubitavelmente, diante das bases frágeis com que são sustentadas a amizade e com as disputas pelo poder é difícil o estabelecimento desse sentimento. A *phília*, ou amizade, reside em “fazer o bem; fazer sem que seja solicitado; e não espalhar o fato quando é feito.” (*Ret.*, II.4). Não é bajulação, como aponta Plutarco em uma de suas obras.

O que forma e consolida a amizade é a semelhança das inclinações e dos hábitos. Em geral, esta relação que envolve as mesmas inclinações e as mesmas aversões produz uma conformidade de gostos, estabelece entre os homens uma ligação mais estreita. (PLUTARCO, *Como distinguir o bajulador do amigo*, p. 18)³.

A partir dessas premissas é que surgiu o desejo de compreender como era constituída essa relação afetiva entre os gregos e romanos, assim como, a partir das obras selecionadas de Plutarco e Cícero, delinear de que modo os amigos (ou inimigos) eram utilizados na formação dos indivíduos e a concepção que se tinha de amizade, provando que muito do que era presenciado na Antiguidade Clássica perpassou o tempo e ainda permanece vivo.

Para a investigação a respeito da *phília* grega foi preciso a seleção das obras que servirão como bibliografia base para esta pesquisa de gabinete e concomitantemente dos autores do referido período que produziram obras assim. Nessa busca, foram selecionados Plutarco e Cícero. As obras dos dois focam de maneira direta no tema da amizade, tanto que o título das mesmas já traz o termo “amizade” ou “amigo”.

² Para *Lélio, ou A Amizade* foi utilizada a tradução de Paulo Neves (2010).

³ As citações de *Como Distinguir o bajulador do Amigo* são tradução de Célia Gambini (1997).

No desenvolvimento dessa pesquisa serão utilizados como *corpus* os livros *Como tirar proveito de seus inimigos* e *Como distinguir o bajulador do amigo*, de Plutarco, além de *Lélio, ou a Amizade*, de Cícero, promovendo um estudo comparativo entre essas obras para se chegar a uma definição mais precisa a respeito da amizade entre os antigos e quais aspectos permanecem ainda hoje.

Cada obra traça um determinado perfil do que cada autor concluiu a respeito da amizade e o que a envolve.

Como tirar proveito dos seus inimigos é uma obra que por ser composta no primeiro século da era cristã em forma de carta em um período que a disparidade social alastrava o território grego, acaba promovendo uma reflexão a respeito da amizade, ao passo que leva a ver o inimigo como instrumento essencial para a edificação dos indivíduos. Dedicada a Cneu Cornélio Pulcro, romano de origem grega, que para Plutarco era o ideal de homem político por conseguir conciliar a ordem romana ao fazer político grego, é baseada em uma frase dita por Xenofonte, que foi discípulo de Sócrates. Nela, Plutarco indaga que nada impede de “tomar o inimigo como um professor sem salário, de tirar proveito e de aprender [...]” (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 16). Plutarco acaba atuando como moralista e filósofo ao ensinar como lidar com o inimigo: “Se quiseres perturbar aquele que odeias, não o censure [...] evite te estenderes muito sobre as falhas daquele que censurar em ti mesmo. Mergulha na tua alma, examina tuas falhas, [...]”. (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 49).

Como distinguir o bajulador do amigo descreve as facetas das atitudes humanas, ensinando a distinguir o que é amizade ou elogios, que apenas alimentam o ego humano, mas não condiz com o que de fato se pensa sobre o outro.

Cícero em *Lélio, ou a Amizade* trata das relações sociais, explicitando a importância da amizade na vida das pessoas e as formas pelas quais ela se revela. Descreve a relação existente entre Cipião e Lélio, a qual era totalmente desinteressada e tinha como base apenas o sentimento de afeto de um pelo outro. Para Cícero, a amizade é uma maneira de conhecimento, pois através do outro que se pode saber quem de fato se é. Os amigos (*phílos*) funcionam, portanto, como um espelho por meio do qual é possível conhecer a si mesmo. Não há na obra

preocupação em conceituar a amizade, mas preocupa-se com ela no seu sentido prático.

Paralelamente a esses livros, serão utilizadas como bibliografias complementares *Plutarco historiador: Análise das Biografias espartanas* (2006), de Maria Aparecida de Oliveira Silva, a fim de conhecer um pouco mais a respeito de Plutarco e o contexto histórico que ele estava inserido; *Amor, Sexo e Casamento na Grécia Antiga* (2002), de Nikos A. Vrissimtzis, para aprender sobre outros tipos de relações que os gregos estabeleciam entre si; o *Manual de Retórica Literária*, de Lausberg, (Tomo I, de 1966 e o Tomo III, de 1968); e, *Arte Retórica* (1995), de Aristóteles, que traz contribuições a respeito de recursos persuasivos que podem ser usados e que certamente fazem parte da oratória de um bajulador, amigo ou inimigo; e principalmente *A amizade no mundo clássico* (2005), de David Konstan.

Na *Retórica*, será dada maior ênfase ao capítulo referente à amizade e a inimizade, concernentes ao livro II. Já *A amizade no mundo clássico* é a referência básica para o estudo do tema de trabalho, haja vista que a obra quase em sua completude retrata a questão da amizade, como nas visões de Aristóteles, que traz contribuições acerca dos tipos de *philia*; de Pitágoras, com o culto da amizade e de João Cassiano, relatando sobre a amizade monástica, entre outros exemplos. O tema é abordado enquanto variação histórica, começando desde os poemas épicos de Homero até o império cristão de IV e V d.C e leva ao conhecimento da amizade no mundo clássico para estabelecer um comparativo com a modernidade.

Com isto, por meio da leitura dessas obras, acima citadas, será proposta uma investigação da maneira como se davam as relações de *philia* grega, utilizando a Filosofia Moral veiculada por autores como Cícero e Plutarco. O trabalho também prestigia a Literatura Comparada, que estuda, através de comparação, a literatura de duas ou mais obras e a partir dessa comparação direciona a uma análise das mesmas, servirá de suporte para a leitura e análise de obras de autores divididos temporalmente por cerca de um século.

Com relação à estrutura dos capítulos, no primeiro haverá uma explanação acerca da amizade na Antiguidade Clássica, com base nos apontamentos de Konstan (2005) a fim de perceber como era compreendida a *philia* nesse período. O

segundo capítulo será relacionado à Retórica, utilizando como fundamentação maior Aristóteles (*in Arte Retórica e Arte Poética*) numa tentativa de elencar as partes do discurso e os meios de persuasão, os quais Cícero tanto utilizou em suas obras e discursos orais, e que Plutarco também fez uso nos livros que serão analisados. Na sequência será feita uma leitura da *philía* em uma obra ciceroniana e duas obras de Plutarco. Por fim, seguem-se as considerações finais, a qual será intitulada de “Pequenos apontamentos acerca da amizade”, e as referências bibliográficas.

2- A AMIZADE NA ANTIGUIDADE

Como já foi dito, esta primeira parte terá como referencial teórico principal *A amizade no mundo clássico*, de David Konstan (2005), pois aborda a temática principal deste trabalho desde os poemas épicos de Homero e permite observar como a amizade era vista na Antiguidade para estabelecer um paralelo com a atualidade.

Não podemos viver sem amigos? Ou, para dizê-lo de outra maneira: A amizade será mesmo um valor necessário a todo o tipo de homens? Ora, se não o fosse, não valeria a pena deter-nos extensamente a tratar dela [...]. (CASTILLO, 1999, p. 13)

Segundo Konstan (2005), a amizade surgiu no sentido moderno com o Renascimento ou “no século XVIII ou, até mesmo, XIX.” (KONSTAN, 2005, p. 2). De qualquer forma é um laço que se estabelece levando em consideração fatores como sexo, classe social ou idade dos seres relacionados, portanto “A idéia de amizade não apenas é sobredeterminada como o local de múltiplas oposições, mas é também disseminada, assumindo diferentes configurações dependendo do ambiente social e até mesmo de interesses transitórios.” (KONSTAN, 2005, p. 26). Para amizade, ele utiliza a expressão *phília* e para amigo, *phílos*. Essas expressões serão utilizadas ao longo do texto.

Todavia, em Homero, *phílos* nem sempre se aplica a amigos, podendo ser traduzido por “caros”. (KONSTAN, 2005, p. 41). Há ainda o termo *hetaíros* que pode ser traduzido como “amigo”, mas da maneira como foi criado Konstan (2005) utiliza-se dos conceitos de Christoph Ulf (1990) para dizer que é uma relação baseada no relacionamento entre líderes e seus seguidores, o que não é uma relação voluntária e de desejo recíproco, como atualmente entende-se a amizade. A *Odisséia* é um exemplo em que *hetaíros* se aplica, pois Odisseu tem um relacionamento com seus seguidores que é muito mais de parceria do que afabilidade.

Existe ainda a expressão *hetaireía*, traduzida por Konstan como um clube de camaradas reunidos para discutir questões inerentes à política, por exemplo. Em Atenas do século V a.C, período em que houve a guerra do Peloponeso, as festas de indivíduos politicamente ativos envolvendo bebidas eram destinadas ao

divertimento e possuíam um estilo aristocrático no qual havia a exibição de riquezas e a coexistência do erotismo.⁴

Em contrapartida a *hetaïros*, que no masculino não traz necessariamente vínculo com questões sexuais, a palavra *hetaíra*⁵ apresentava um sentido pejorativo para a Grécia clássica. As *hetaíras* eram cortesãs mantidas por homens que as proviam de luxo. Os homens gregos em geral eram casados com mulheres que deveriam ter sangue grego, mas eles podiam ter relacionamentos fora do casamento com uma mulher que não precisava ser grega e frequentava os banquetes junto com eles para discutir sobre assuntos políticos. As *hetaíras* eram deste modo as amantes intelectualizadas. É notória, então, a diferença valorativa entre o termo no masculino e no feminino.

Quando na introdução é dito que “Se amigos proporcionam presentes, presentes proporcionam amigos” (KONSTAN, 2005, p. 5) e também que “[...] o fluxo material subscreve ou inicia relações sociais.” (KONSTAN, 2005, p. 5) ele acaba afirmando que é a utilidade que faz com que a amizade se inicie. Já Aristóteles, contrariando esse pensamento, afirma ser a virtude que deve levar ao nascimento das relações sociais e que a utilidade deve vir em segundo plano. Ao dizer isso Aristóteles não é contrário aos amigos que ajudam aos outros, mas não concorda que isso seja o que venha a fundamentar a amizade.

Pelo que vem sendo abordado durante todo o livro percebe-se a dificuldade em estabelecer uma distinção precisa do que vem a ser amizade, devido aos diferentes modos de entendê-la ao longo dos anos. “[...] a forma *phíla* tem, de fato, uma abrangência bem maior de relacionamentos que apenas a amizade, incluindo o amor entre parentes e a afeição ou solidariedade entre associados relativamente distantes, [...]” (KONSTAN, 2005, p. 55-56). É, portanto, por meio da leitura e análise em Plutarco e Cícero que se tentará perceber como ela era discernida, mesmo diante de outras relações que a rodeiam.

Os gregos e romanos eram pessoas que gostavam de estar acompanhados e a solidão para eles era a pior forma de sofrimento humano. Assim sendo, a amizade era de fundamental importância tanto para suas vidas como para a constituição da

⁴ As ideias expostas são paráfrases do que Konstan (2005) diz na página 87.

⁵ Expressão apresentada por Konstan na página 68.

pólis. Os que negam a importância da amizade, portanto, é pelo fato de nunca tê-la tido. Conforme diz Castillo (1999):

Os que negam a existência da amizade ou os que a consideram uma raridade fazem-no, sem dúvida, porque não tiveram essa experiência nas suas vidas. São pessoas sem amigos. Não estarão confundindo a sua falta de capacidade ou de oportunidade para ter amigos como impossibilidade de que a amizade exista? (CASTILLO, 1999, p. 14).

No Ocidente, a palavra *phília* foi aplicada para a “amizade”. Porém na Grécia Antiga a expressão possuía uma significação bem mais abrangente, podendo ser empregada nos relacionamentos de interesse entre os homens, pela afeição que possuíam ou pelos interesses que levavam à união. A partir dessa concepção grega, poderiam ser considerados *phílos* os camaradas de jogo (a exemplo de Aquiles e Ajax, representados no vaso grego, que será visto logo adiante), companheiros de viagem (como é o caso de Odisseu e sua tripulação) ou até mesmo os sujeitos que se relacionavam por meio do comércio. Eram também *phílos* para o período os parentes. Desta forma, poderiam ser considerados amigos, só para exemplificar, pai e filho, marido e mulher. Até o relacionamento entre concidadãos era compreendida como *phília*.

Teles Silva (2012) afirma em seu texto referente às noções de amizade e amor que de acordo com os apontamentos de Aristóteles

cada comunidade exerce uma função ou tarefa na *pólis* e na qual os membros cooperam unidos pela *phília* que diz respeito a cada comunidade específica. [...] A justiça e a amizade se coadunam na comunidade formando e moldando as relações entre os cidadãos sejam elas comerciais ou pessoais. (TELES SILVA, 2012, p. 32).

Vê-se, entretanto, que, para a constituição das cidades ou tarefas semelhantes, as relações eram muito mais de “amizade” política ou intencional do que uma *phília* sem interesses atrelados. Não que na amizade não possa haver algum favorecimento, desde que não seja o motivo primário para que a relação se estabeleça.

A respeito do amor e da amizade, nota-se que apesar serem sentimentos correlacionados, há diferenças. Nos diálogos de Platão as palavras “*érōs*” e “*phília*”

eram utilizadas como sendo afins tanto que em *Lysis* apesar da tentativa de falar a respeito da amizade, Platão parte do amor de Hypotales por Lysis. No entanto, um exemplo claro da distinção entre os termos é trazido por Konstan (2005) no subcapítulo relacionado ao *érōs* quando ele indaga a respeito do relacionamento entre Aquiles e Pátroclo, o qual foi comumente interpretado como pederastia, mostrando que poderia haver um amor erótico, contudo nada é explícito. Konstan aponta no fragmento abaixo a discrepância existente entre o amor erótico e a amizade:

Na amizade, os papéis são simétricos: todas as partes são designadas pelo termo único *phílos*. Eros, ao contrário, envolve papéis complementares: o parceiro ativo ou dominante é o amante, ou *erastés*, ao passo que o parceiro passivo ou subordinado é amado [...] (KONSTAN, 2005, p. 55-56).

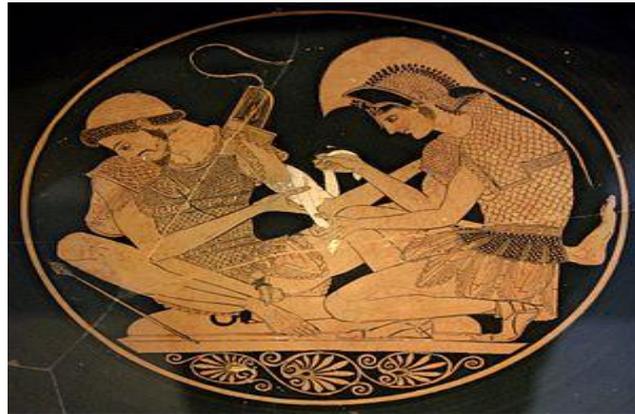
Na imagem abaixo, Aquiles cuida dos ferimentos de Pátroclo e pode ser interpretado como os cuidados despejados ao *eromeno*. Na Grécia clássica as relações homo afetivas eram consideradas como um relacionamento entre iguais, pois para eles as mulheres eram seres inferiores. O homem mais velho transmitia seus conhecimentos ao mais jovem até que este virasse um homem e fosse à procura de um eromeno também.

Platão afirma em *Fedro*:

Pelo que sei, não há maior bênção para um jovem que está começando a viver que um amante virtuoso, ou para um amante, que um jovem amado. Por princípio, digo que nenhum laço, honra, riqueza, nem nenhuma outra coisa é mais digna de implantar-se, do que o amor. De que estou falando? Do sentida da honra e da desonra, sem o qual nenhum estado ou indivíduo poderia ter feito alguma obra grande ou boa. E se pudesse se inventar algo que um estado ou um exército [...] ⁶.

⁶ Citação retirada de texto de: BRISOLARA, Oscar. HOMOSSEXUALIDADE: RELAÇÕES HOMOAFETIVAS MASCULINAS NA ANTIGA GRÉCIA - ONE OLDER MAN'S RELATIONSHIP WITH A YOUNGER MAN. Disponível em <<http://oscarbrisolara.blogspot.com.br/2014/01/relacoes-homoafetivas-masculinas-na.html>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

FIGURA 1 - Aquiles tratando os ferimentos de Pátroclo.



FONTE: VRISSIMTZIS, *Amor, Sexo e Casamento na Grécia Antiga* (2002).

Fica claro então que até mesmo na relação entre Aquiles e Pátroclo, vista como amizade, há a revelação de indícios incompatíveis com a *philía*, pelo éros ou pela hierarquia entre ambos, já que Pátroclo é basicamente um escudeiro de Aquiles.

Além das relações de amizade entre homens, havia também a amizade feminina, conforme explica Konstan (2005), porém “a que distância e com que frequência as mulheres visitavam suas amigas é difícil de estimar;” (KONSTAN, 2005, p. 130). E já que foi mencionado brevemente sobre a relação sexual entre homens, na Grécia esse relacionamento entre mulheres não era bem compreendido, visto que eles não conseguiam visualizar prazer sem que houvesse penetração.

Os autores selecionados para serem abordados neste trabalho - Plutarco e Cícero - foram citados em *A amizade no mundo clássico* de Konstan. A expressão “bajulador” utilizada por Plutarco foi expressa como “lisonjeiro” por Konstan. De acordo com este, Plutarco afirma que “a sinceridade é a marca do amigo, em oposição à lisonja ou *kolakéia*.” (KONSTAN, 2005, p. 141).

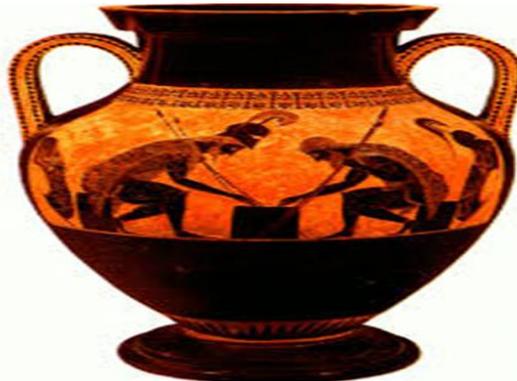
Partindo para o meio político, a amizade é muitas vezes confundida com camaradagem, que seria, portanto, uma amizade superficial baseada em interesses particulares, o que não significa dizer que nenhum político jamais tenha tido amigos verdadeiros. Contudo, na maioria dos casos é uma amizade parasitária e transitória em que impera a *kolakéia*, ou seja, a adulação. “Sem dúvida, amigos íntimos muitas vezes se mantêm unidos na política, mas isso não equivale à alegação de que redes

de amigos íntimos eram a base da atividade política na democracia.” (KONSTAN, 2005, p. 94).

Em Roma, a relação entre pessoas de classe econômica superior e outra de classe inferior era tratada sob o viés da patronagem, em que o patrono cede ajuda e segurança ao cliente, mas este passa a dever lealdade e obediência em troca. Isto, no entanto, não pode ser considerado como *philía*. Era na verdade uma relação de dependência e assujeitamento. “As amizades entre pessoas de diferentes classes sociais estavam inseridas em uma cultura de autoridade e deferência inteiramente diferente daquela da Atenas clássica.” (KONSTAN, 2005, p. 193).

Na imagem do vaso grego abaixo, contida na orelha do livro de Konstan (2005), são retratadas as figuras de Aquiles e Ájax jogando damas. Teve como autor Exéquias, que foi conhecido por pintar figuras negras. Os trabalhos detalhistas utilizados para compor o manto dos dois associados à adequação do formato curvado do vaso à posição em que os personagens se encontram levam à apreensão do olhar.

FIGURA 2- Amizade e Política na Antiguidade



FONTE: SEMECUFF. XXIII Seminário de Estudos Clássicos.⁷

Antes dos combates que haveria em Troia, Aquiles, guerreiro de esquerda, joga com Ájax, guerreiro de direita. Para ganhar o jogo eram necessárias a habilidade e a sorte concomitantemente. Dados eram lançados e após isto o jogador poderia efetuar algum movimento. Aquiles era considerado o melhor guerreiro e depois dele vinha seu primo Ájax. Ambos lutaram na Guerra de Troia a favor dos gregos e contra os troianos.

⁷ A imagem está disponível em: <https://semecuff.wordpress.com/2014/09/27/xxiii-seminario-de-estudos-classicos-amizade-e-politica-na-antiguidade/>.

Já na guerra, quando Aquiles morreu, Ajax disputou com Ulisses a armadura de Aquiles, visto que depois de Aquiles, Ajax era o melhor e considerava justo ter direito à armadura, porém perde a disputa. Após isso, em um surto de loucura, Ajax mata os animais dos rebanhos dos gregos, acreditando que estava matando os adversários. Quando reconhece o erro, suicida-se. Este acontecimento influencia Sófocles a criar a tragédia *Ájax Furioso* (450 a.C.). A figura abaixo representa o momento do suicídio.

FIGURA 3- O suicídio de Ajax.



FONTE: Cerâmica de figuras vermelhas etruscas de Vulci, 400-350 a.C., Museu Britânico.⁸

Sobre o relacionamento entre Aquiles e Ajax não foi citado como *philía*, mas pelo transcorrer da história percebe-se o sentimento de admiração e parceria. Contudo, para que isso chegue a ser definido como amizade, é necessário assumir um ponto de vista sobre o que pode vir ou não a ser *philía*, de acordo com o pensamento ocidental ou grego. Por serem companheiros de guerra, na Grécia Clássica possivelmente o termo *phílos* poderia ser aplicado.

Partindo para o meio eclesiástico, era pregado que deveria haver uma abertura, isto é, uma auto revelação, entre os amigos. Santo Ambrósio, um dos mais influentes membros do clero no século IV, afirmava que nada poderia ser escondido de um amigo se a amizade for verdadeira e isto provocaria um bem estar ao “eu”. Essas ideias vêm, em certa medida, de pensamentos anteriores. Cícero, por exemplo, acredita que não há nada mais agradável do que ter um amigo com quem se pode desabafar.

⁸ Imagem disponível neste link: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ájax#/media/File:Ajax_suicide_BM_F480.jpg.

Já a amizade com Deus para Aristóteles era impossível e insere neste plano a questão da metafísica. Deus era um ser superior e não poderia haver amizade entre seres tão desiguais. Essa ideia de *philia* entre o ser divino e o homem se propagou com o advento da Bíblia, pois ao ser dito na cultura bíblico-cristã que o homem é a imagem e semelhança de Deus, o homem e o ser divino são inseridos em um patamar de igualdade e nesse contexto é que se instaura a amizade, levando em consideração a noção de que a amizade verdadeira só pode ser aplicada a seres iguais.

A ideia da amizade com Deus nos textos judaico-cristãos, escritos em grego e latim, tem suas raízes na Bíblia. A tradução grega (*Septuaginta*) do Antigo Testamento identifica Moisés como um “amigo [*phílos*] de Deus” [...] e Abraão também veio a ser considerado assim. (KONSTAN, 2005, p. 237).

Essas discrepâncias vêm desde a ideia platônica que afirma ser Deus um pensamento infinito e que só outro pensamento infinito poderia se igualar a ele. Sobre essa perspectiva é que se percebia a inviabilidade da amizade entre deuses e homens.

Em contrapartida, na perspectiva cristã, ainda segundo Konstan, esse relacionamento entre Deus e o homem era chamado de “ágape”. De acordo com os preceitos cristãos, Deus ama os homens e estes deveriam amar-se mutuamente, amando até mesmo seus inimigos. Esta é uma maneira de amar a qual a teologia cristã afirma ser efetivada apenas com a ajuda da graça de Deus. Tais concepções, contudo, não foram adotadas pelos gregos como *philia*.

Utilizando as palavras de Konstan (2005) para fechar esta primeira parte, tem-se que:

Cristãos ou não, aqueles que estavam no auge da sociedade romana constituíam um mundo pequeno e interconectado. Admitindo todas as semelhanças em seus hábitos de pensamentos, entretanto, devemos reconhecer que os cristãos estavam de fato reavaliando profundamente os tipos de solidariedade que haviam caracterizado a vida social da Antiguidade clássica, os vínculos de amizade deviam reinar entre os fiéis por meio da graça de Deus e não através do apego ou afeição pessoais [...]. (KONSTAN, 2005, p. 243).

3- A RETÓRICA

Retórica é uma palavra de origem grega *rhetorice*⁹ ou *rhétorique*¹⁰, que se refere à capacidade de falar bem e de forma clara transmitir uma ideia que defende com convicção. É uma área do conhecimento que se correlaciona com a oratória e a dialética, sendo que a oratória prioriza a eloquência na fala do orador. Um ser retórico seria, de maneira simplificada, aquele capaz de expressar ideias de maneira eficaz e que consegue persuadir por meio de palavras. Todavia, a retórica não é simplesmente técnica, implicando tomadas de posição. As obras que mais à frente serão analisadas possuem um teor retórico, conseguindo alcançar a persuasão e ao mesmo tempo serem bastante atuais. Por este motivo faz-se necessário explanar neste capítulo acerca da retórica.

Pelo fato de estimular a elaboração de um pensamento coerente por meio de palavras, um orador precisa ter capacidade mental suficiente para proferir sentenças sem contradições e sem perder a linearidade de raciocínio. Foi em busca desta capacidade que desde a Antiguidade Clássica foram estimulados estudos acerca da arte de persuadir e, na modernidade, cursos de retórica ainda são muito procurados. Além da importância das palavras, na Grécia Antiga, a linguagem corporal do orador também era muito importante.

Em “Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos”, de Lineide do Lago Salvador Mosca, e que pertence à obra *Retóricas de ontem e de hoje* (2001, p. 17-54), é afirmado que o ser humano está a todo tempo tentando persuadir o outro, mas que é necessário analisar não apenas se o orador está sendo persuasivo, mas se o ouvinte foi persuadido, levando em consideração que um texto não tem uma significação nele mesmo, sendo um reflexo da relação entre quem o produziu e quem recebe este texto.

Em Aristóteles (*Ret.*, p. 9), é dito que a retórica não era uma ciência *a priori*, posto que foi produto das experiências dos oradores. Em *Ilíada* e *Odisseia*, de Homero, já era possível perceber uma preocupação tangente com a arte do bem falar. Na Sicília, surge como metalinguagem do discurso de caráter persuasivo.

⁹ Termo retirado do *Manual de Retórica Literaria*, Tomo I. Versão em espanhol de José Pérez Riesco, 1966, p. 83.

¹⁰ Termo retirado do *Manual de Retórica Literaria*, Tomo III. Versão em espanhol de José Pérez Riesco, 1968, p. 381.

Por volta de 485 a.C., dois tiranos sicilianos, Gélon e Híeron, povoaram Siracusa e distribuíram terras pelos mercenários à custa de deportações, transferências de população e expropriações. Quando foram destronados, por efeito de uma sublevação democrática, a reposição da ordem levou o povo à instauração de inúmeros processos que mobilizaram grandes júris populares e obrigaram os intervenientes a se socorrerem das suas faculdades orais de comunicação. [...] E foi assim que surgiram os primeiros professores da que mais tarde se viria a chamar retórica.¹¹

A retórica acaba perdendo forças por conta dos sofistas que utilizavam seus discursos para persuadir de qualquer forma. Sofistas, deriva da palavra grega *sophistes*, que viria a traduzir-se mais pra frente como sabedoria. Estes possuíam como uns dos exemplos máximos Protágoras e Górgias. Protágoras ensinava artifícios capazes de tornar uma argumentação fraca em uma argumentação forte. Para ele, conforme Marconatto (s/d), por meio de um bom argumento é possível defender um ponto de vista de todos os pontos contrários. Já Górgias, ainda segundo Marconatto (s/d), acreditava que não existia uma verdade absoluta para as coisas e as palavras são independentes e por meio delas o ser humano é capaz de criar vários discursos com usos distintos para uma mesma expressão. Nesse sentido, a retórica surge como um meio capaz de, por meio da palavra, persuadir pessoas e assume grande importância no âmbito político e social.

De acordo com os apontamentos de Dominik (2012, p.95-109), no artigo *As origens e desenvolvimento da retórica romana*, a retórica se originou a partir da retórica grega e teve papel preponderante no cenário político de Roma.

A retórica desempenhou um papel importante em munir a jovem elite masculina de Roma com o treino e a experiência necessárias para defender e manter sua posição na área pública. A prática da retórica em reuniões públicas (*contiones*), tribunais, Senado, fórum, funerais públicos e salões era tanto uma marca de privilégio social como era um reflexo do poder político da classe dos patrícios. (DOMINIK, 2012, p. 95- 96).

Pelo excerto acima, vê-se o quanto a retórica em Roma nesse período era direcionada à elite masculina, sendo que a prioridade para proferir discursos em

¹¹ Citação extraída da página 11 de uma versão de 2015 da *Retórica* com tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhous e Alberto e Abel do Nascimento Pena.

público era dada àqueles com maior nível econômico e prestígio social. Contudo, em 161 a.C., também segundo Dominik, os retóricos foram expulsos de Roma juntamente com os filósofos. A maneira de persuadir dos gregos era, no período, muito mais sofisticada do que a romana. Ademais, o Senado estava começando a se preocupar com as pessoas que estavam tentando “forjar carreiras” (DOMINIK, 2012, p. 98).

Porém, o decreto de 161 a.C. :

[...] não foi capaz de conter por muito tempo o fluxo da retórica grega em Roma [...]. Embora o banimento anterior dos retóricos de Roma possa ser atribuído, em parte, ao preconceito contra a retórica grega, é evidente que o sentimento para com a retórica, especialmente para com a retórica grega, mudou sensivelmente por volta do século I a.C. (DOMINIK, 2012, p. 99-100).

Marco Antônio, importante orador romano, acaba produzindo, então, um caderno que tinha por objetivo popularizar a tão admirada retórica em Roma. E na Grécia, após longo período de decadência, a retórica recupera suas forças no período da democratização.

Demóstenes foi um retórico de grande influência para a Grécia e ao defender a retórica como uma prática que pode ser aprimorada ao longo do tempo, ele prova que é possível ser um bom orador mesmo com distúrbio de comunicação, já que ele era gago, e acabou ficando conhecido historicamente por isto e por proferir discursos com pedras na boca.

Além do embate entre retórica grega e romana e retóricos *versus* sofistas, havia ainda um longo debate acerca da retórica e filosofia. “*La retórica es la que se há visto más seriamente expuesta a esta contraposición com la filosofía; em lucha com la filosofía la retórica há desarrollado su propia teoría de la formación.*” (LAUSBERG, 1966, p. 72). Desmembrando a expressão filosofia, tem-se “filo” como sendo “amigo” e “sofia”, “conhecimento/sabedoria”. Pensar filosoficamente seria, portanto, pensar racionalmente, ou seja, de acordo com o *logos*. Mattar (2010, 342 p.), em seu livro *Introdução à Filosofia*, pensa a filosofia como necessidade primária,

comparada a comer e dormir, e, a ideia de ser racional é atrelada à de trabalhar com especulações ou ideias opostas para chegar a uma resposta sobre algo.

Sócrates e seu discípulo Platão acreditavam ser a retórica uma negação da filosofia. Platão em suas obras *Górgias* (+/- 387 a.C.), produzida em um período em que Atenas estava passando por crise política e econômica após perder a guerra contra Esparta (431-404 a.C.), e *Fedro* (+/- 385-370 a.C.) aborda o embate entre sofistas e filósofos. Estes convencem por meio do diálogo, aqueles por meio da persuasão, estimulando emoções e utilizando para isso uma estrutura formal de discurso. Em *Górgias* há uma retórica sofística; em *Fedro*, filosófica.

Aristóteles, em *Arte Retórica*, associa sempre a retórica com a razão, a partir não da verdade - que pode ser assim considerada para um e não para o outro - mas do verossímil, fazendo o outro aderir a sua “verdade” e concordar com determinado posicionamento. Paixão, na retórica, é, então, tudo aquilo que faz com que o outro mude o seu pensamento.

Utilizado como uma das referências neste trabalho, Aristóteles nasce em Estagira em 384 a.C. Em 367 a.C. vai para Atenas e torna-se seguidor de Platão. Com a morte deste, em 336 a.C. funda a escola peripatética. Os peripatéticos conhecidos como “os que passeiam” eram discípulos de Aristóteles, o qual ensinava aos alunos ao ar livre, caminhando sobre o Liceu. Além disso, entre 342 e 336 a.C serviu como preceptor de Alexandre O Grande. O teor racional aristotélico influenciou pensadores até mesmo na idade moderna.¹²

Para persuadir o outro, segundo o viés aristotélico, é necessário utilizar a *inventio*, *dispositio*, *elocutio* e *actio*. A *inventio* (invenção) é a escolha do tema e dos argumentos a serem utilizados e segundo o que conta no *Manual de Retórica Literária* (1966) “[...] es un proceso productivo-creador; consisteen extraer las posibilidades de desarrollo de las ideas [...]” (LAUSBERG, 1966, p. 234); a *dispositio* (disposição) é a disposição destes argumentos no texto, colocando em ordem o que selecionou para ser proferido, ou seja, “es el orden de las ideas y pensamientos que hemos encontrado gracias a la inventio.” (LAUSBERG, 1966, p. 368); a *elocutio* (elocução) refere-se à adequação da linguagem para determinado gênero e

¹² Informações baseadas em Funari (2002, p. 76).

independente do tema a ser abordado no plano de expressão precisa haver clareza, portanto, é “[...] *relacionada con otras fases de la elaboración o contrapuesta a ellas*” (LAUSBERG, 1968, p. 77) ; já a *actio* (ação) é a apresentação do discurso, pois, não basta usar a *inventio*, *dispositio* e *elocutio* se não souber apresentar o texto de maneira que consiga a persuasão. Neste plano a linguagem oral e/ou escrita e corporal é muito importante. Esta definição é baseada no que está inscrito no manual, porque lá está dito que a *actio* é “*actuación, realización, pronunciamiento del discurso.*” (LAUSBERG, 1968, p. 9).

Paralelo a isto, os gêneros do discurso para Aristóteles foram classificados segundo seu objetivo e contexto, podendo ser judiciário, que procura destruir argumentos contrários; deliberativo, com o objetivo de deliberar ações para o futuro e epidítico, o qual é utilizado geralmente em cerimônias com linguagem mais elogiosa.

Cícero, sendo o primeiro da sua linhagem familiar a servir o Senado de Roma (*novus homo*; em português homem novo), tinha habilidades admiráveis na área da oratória e retórica e usava-as para defender seus clientes em frente a tribunais. Cícero produz as obras *De Oratore* (55 a.C) e *Orator* (+/- 46 a.C) que trabalham com as noções de retórica como veículo para agradar e comover. Outra obra foi *De Inventione* (87/6 a.C.) que é “o mais antigo tratado romano de retórica existente” (DOMINIK, 2012, p. 101). Cícero, segundo Dominik (2012), “[...] observa que a retórica formal foi originalmente desconhecida para os romanos, [...] o contato com oradores e professores gregos inspiraram os romanos a desenvolver suas habilidades através do estudo da retórica formal.” (DOMINIK, 2012, p. 97-98).

Tempos depois, em 1 d.C., Quintiliano produz *Istitutio Oratoria*. Para ele, um *bene dixisse*, o bem falar, o bem dito, era derivado de um discurso que empregou de maneira adequada as regras da retórica. E, segundo Aristóteles (2015), um orador é um *uir bonus* - um homem bom – capaz de falar bem.

Plutarco também utiliza em suas obras mecanismos de persuasão. Em *Vidas Paralelas* (1727) faz a compilação da biografia de 46 personalidades gregas e romanas. Nessa e nas suas demais obras decerto utilizou recursos retóricos para conseguir a adesão do público leitor a respeito do tema o qual abordava.

4- CÍCERO

O presente capítulo tem como objetivo fazer uma leitura do livro *Lélio, ou A amizade*, de Cícero, buscando analisar como nele a amizade foi descrita. Antes, contudo, falar-se-á brevemente de Cícero.

Nascido em 106 a.C. em Arpino, onde hoje é a região do Lácio na Itália, e assassinado em Fórmias, em 44 a.C., Cícero foi um dos maiores oradores já existentes. De família de ordem equestre, foi grande produtor literário e dessas produções ganhou prestígio. Sobressaiu-se justamente em um período em que a República Romana estava passando por um momento de desordem e sob pressão dos populares. Em 79 a.C. vai para Atenas e estuda filosofia. Sete anos depois vira um edil, responsável entre outras coisas pela edificação de prédios. Foi também um pretor romano. Em 63 a.C. foi eleito cônsul, contudo, anos depois, em 58 a.C., foi obrigado a exilar-se em Tessalônica por meio de incentivo de Clódio.¹³

Cícero era odiado por César, Pompeu e Crasso, o que não o fez, entretanto, perder o reconhecimento. Em 51 a.C. é eleito governador da Sicília e pouco tempo depois, imperador. A tranquilidade, todavia, se desinstala:

[...] Crasso é morto por ocasião de uma nova expedição contra esses terríveis inimigos, o que ocasiona em seguida a guerra civil entre partidários de César e partidários de Pompeu. Que fazer? Pompeu era até então um aliado, mas ele é tão perigoso para a República quanto César, e muito menos inteligente... Irresoluto, Cícero afasta-se em Epiro (Grécia). Quando César esmaga Pompeu em Farsala, ele volta à Itália, em 48 a.C. César, que estima Cícero (como homem de letras...), lhe dá a entender que pode ficar sossegado e lhe faz propostas; mas Cícero não reassume cargo oficial, vive em sua propriedade rural e se consagra ao estudo. (SEABRA, 2013, p. 149-150)

Em 44 a.C, César é assassinado e tendo Marco Antônio pretendido a sucessão, Cícero cria as *Filípicas* – série com quatorze discursos- motivando a renúncia de Antônio. Este manda seus soldados assassinar Cícero e expor sua cabeça em Roma.

Sobre a carreira literária de Cícero - segundo o que está inscrito em seu próprio livro *Brutus e a Perfeição Oratória. (Do melhor gênero de oradores)*

¹³ Baseado em Osuna (2012, p.11).

(CÍCERO, p. 11) - é iniciada em 86 a.C. Neste período foi publicado *De inuentione* para tratar da *inventio*, também trabalhada na *Retórica* aristotélica. Esta e todas outras obras de Cícero tem como base a retórica grega e “vão além do objetivo prático para o qual foram escritos.” (CÍCERO, *Brutus*, p. 13). Um orador perfeito, conforme o pensamento ciceroniano, é aquele que além de ter um caráter pedagógico também provoca emoções nos que ouvem. Tornou-se leitura obrigatória nas aulas de retórica régias. Produziu obras literárias que foram divididas em categorias de acordo com a temática. Tem de discursos, obras retóricas ou filosóficas e cartas.

Com Cícero, a retórica e a filosofia passam a ser inseparáveis, definindo a retórica “como uma parte da ciência política que trata da eloquência baseada nas regras da arte. Dado que a oratória é um ramo do saber político, todo retórico deve estudar filosofia e possuir amplo conhecimento das ações humanas.” (OSUNA, 2012, p. 18).

Por meio de um diálogo entre Cícero e seus amigos Ático e Bruto é apresentado o tratado *Brutus*, o qual foi teve esse nome em homenagem justamente ao amigo Bruto. No tratado há uma apresentação da oratória romana e fica indubitavelmente claro que estar em contato com as palavras e colocá-las em movimento é um dos trabalhos mais árduos a serem feitos, em virtude de exigir habilidades que vão além da mental. É necessário “[...] prática, educação literária, filosófica, jurídica, conhecimentos gerais.” (CÍCERO, *Brutus*, p. 14). Há que sobressair também o fato de ser por meio do *Brutus* que se têm, na atualidade, informações precisas sobre personalidades da história da literatura e da oratória latina.

É impreterível dizer também que, em conformidade com Aristóteles, Cícero dá ênfase à importância da *elocutio* e da *actio* na composição de um discurso, a saber: “[Nem efetivamente interessa ver que é que deva ser dito, caso não seja capaz de dizê-lo de modo desembaraçado e suave. Nem sequer isso basta, se o que é dito não se torna mais realçado pela voz, pelo semblante, pelo gesto.” (CÍCERO, *Brutus*, p. 14). Em outras palavras, de nada vale o que se quer dizer se não houver habilidade para apresentar ao público de modo a ensinar quem ouve e fazê-lo sentir prazer ao ouvir.

4.1. A RELAÇÃO ENTRE LÉLIO E CIPPIÃO, EM CÍCERO.

Dando, a partir deste momento, enfoque à obra *Lélio, ou A amizade*, é imperioso inicialmente perceber que a Cícero não interessa definir o que é amizade, mas compreendê-la em seu caráter usual. Semelhante aos diálogos platônicos, Cícero dá voz aos personagens de tal maneira que o leitor sente-se ouvindo um diálogo entre Fânio, Cévola e Lélio. E é a este último que Cícero dá maior relevância: “[...] é Lélio [...] pela glória que lhe valeu a amizade, quem falará da amizade. Gostaria que, por um momento, desviasse teu espírito de mim, que imaginasses ouvir discorrer o próprio Lélio.” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 72).

Para Cícero, a amizade entre Lélio e Cipião foi “[...] a mais memorável que existiu” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 71). Cipião, que tinha o epíteto de O Africano, foi um cônsul da República Romana e Lélio um general.

O diálogo é iniciado com Fânio lamentando a morte de Cipião e afirmando que, por conta da intensa amizade, os olhares estavam todos voltados para Lélio. Para Fânio, Lélio era um homem sábio e suplantava em sabedoria Acílio e Catão, por exemplo. “Acílio, por sua sagacidade bem conhecida em direito civil; Catão, por sua experiência numa série de domínios [...] Em troca, em teu despeito, as razões são outras: é por natureza e por temperamento, mas sobretudo por vontade e instrução que és sábio.” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 73.). Com a exceção de Sócrates, Lélio é colocado como mais sábio, até que os reconhecidos Sete Sábios da Grécia.

Contrariando a afirmação de Fânio, Lélio diz ter sido Catão o maior sábio. Lélio foi sábio ao suportar veementemente a perda de Cipião, seu melhor amigo, mas Catão soube suportar a morte de um filho já sendo homem formado. Apesar de discordar, Lélio nota em Fânio a característica de um amigo ao considera-lo sábio. Um verdadeiro amigo enaltece o outro, ou diz o que de bom disseram a respeito do amigo, sem pretensões audaciosas e sem inveja, mas por pura admiração e prazer em dizê-lo: “[...] ao dizeres que me atribuem tantas qualidades [...] te comportas como amigo.” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 75).

Ao declarar que se entristeceu em perder Cipião, que possivelmente foi morto por um inimigo do âmbito político, Lélio também afirma não precisar de consolo, pois

a lembrança do amigo e a certeza de que a morte não foi para o Africano nenhum infortúnio consola-o. Por meio destas declarações, vê-se que, utilizando-se de Lélío, Cícero mostra não ser necessário que um amigo seja tomado por uma depressão profunda para constatar que realmente admirava o indivíduo que havia morrido; isso advém de pessoas fracas de espírito, que tem a necessidade de externar para todos sua dor; ademais: “ suportar tristemente suas próprias misérias não é amar um amigo: é amar a si mesmo.” (CÍCERO, *Lélío, ou a Amizade*, p. 76.).

A vida privada e pública de Cipião é descrita na obra, pelas palavras de Lélío:

[...] a partir de sua adolescência, ultrapassou continuamente, com uma incrível força de caráter, as mais altas esperanças que, desde sua infância, seus concidadãos haviam depositado nele; que, sem jamais ter lutado para conseguir o consulado, foi cônsul duas vezes, a primeira antes da idade legal, a segunda numa idade para ele normal, mas quase demasiado tarde para a república; que, por ter destruído duas cidades (*) irredutivelmente hostis ao nosso poderio, pôs um termo não apenas às guerras da época, mas também às que delas teriam decorrido no futuro. O que dizer de seu caráter tão sociável, da veneração que tinha por sua mãe, de sua generosidade para com suas irmãs, de sua bondade para com os familiares, de sua preocupação de justiça em relação a todo mundo? (CÍCERO, *Lélío, ou a Amizade*, p. 77).

Por meio do trecho, nota-se um discurso altamente elogioso de Lélío, o qual procura, por intermédio de suas palavras, enaltecer a figura do amigo morto. Ao falar tão bem dele, Lélío não objetiva reconhecimento, posto que o Africano não mais ouve-o, mas para um amigo leal, a morte não finda a amizade e nem o desejo em preservar intacta a figura daquele que se admira, mesmo que também considerada incorruptível pelos que escutam a Lélío. Ao falar de sua “incrível força de caráter”, de sua “bondade” e “generosidade”, são externadas as virtudes de Cipião, podendo notar, conforme o que é dito em *Retórica*, a presença de um discurso epidítico. Nas palavras de Aristóteles:

O elogio é um discurso que mostra em todo seu esplendor a grandeza da virtude. Convém, pois mostrar que os atos são deveras produzidos pela virtude. O panegírico¹⁴ tem por objetivo as ações; as circunstâncias que lhes dizem respeito concorrem para a prova, como, por exemplo, uma estirpe nobre e a educação, [...]. Por isso os

¹⁴ Panegírico é uma palavra sinônima de elogio.

panegíricos exaltam também os autores das ações, porque os atos são os sinais das disposições da alma; [...]. (ARISTÓTELES, *Ret.*, IX, 33).

Na sequência, há o prolongamento do discurso ao dizer que: “tão elevado grau de dignidade foi como o trampolim graças ao qual entrou diretamente na casa dos deuses do céu, em vez de descer aos mundos infernais (**).” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 78). Nele, é reafirmado que, por ser tão virtuoso, Cipião não foi para o lugar dos maus, mas para os Campos Elíseos. Provavelmente isto também funciona como uma forma de consolo para Lélio, já que acredita estar o amigo numa morada onde impera a paz, adversa à morte brutal que Cipião tivera.

Sobre a lembrança é dito que:

a lembrança de nossa amizade me dá tanto prazer que tenho o sentimento de ter vivido feliz, pois vivi na companhia de Cipião, pois juntos nos preocupamos ao mesmo tempo com os assuntos públicos e privados; juntos compartilhamos a vida familiar e a vida militar, e reside aí toda a força da amizade, a mais nobre cumplicidade no plano das escolhas, dos interesses, das idéias. (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 81).

Dessarte, a importância da comunhão de pensamentos e a cumplicidade em todos os setores da vida são fundamentais para a edificação e prolongamento da amizade.

Observa-se, assim sendo, que é com a descrição do vínculo de amizade entre Cipião e Lélio que é definida, de forma prática, o que vem a ser amizade, como o fizeram Cícero e Plutarco, por exemplo. Retomando o que apresenta Aristóteles: “é necessariamente amigo aquele que conosco se alegra no bem e conosco sofre no mal, sem outra consideração que não seja a da pessoa amada” (ARISTÓTELES, *Ret.*, IV, 3). Em conformidade com o pensamento aristotélico, Cícero, fala por meio de Lélio não apenas que “a amizade não é senão uma unanimidade em todas as coisas, divinas e humanas, acompanhada de afeto e de benevolência.” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 85) como também que “observar um verdadeiro amigo equivale a observar uma versão exemplar de si mesmo.” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 88).

Essa similaridade de pensamentos entre Cícero e Aristóteles é relatada em *Educar para a amizade*, de Gerardo Castillo. Este cita a obra ciceroniana aqui trabalhada. Castillo diz:

Aristóteles pergunta-se se também o homem feliz precisará de amigos. Responde esclarecendo que “o homem é um animal social, formado naturalmente para a convivência. [...] Também Cícero considera a amizade como o que há de mais necessário na vida do homem [...]. Há algumas coincidências nos textos de Aristóteles e Cícero acima citados: a amizade é desejo mútuo do bem entre os amigos; e é uma situação de íntima convivência na qual os amigos compartilham bem materiais e bens espirituais. (CASTILLO, 1999, p. 16-17).

Lélio, ao ser indiciado por Cévola e Fânio a falar da amizade, evoca a capacidade dos gregos de serem bons em discursos mesmo que de improviso, o que demonstra um (re)conhecimento sobre os retóricos gregos, chamados de “doutos”, ou seja, sábios; cultos (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 83).

A virtude, essencial à amizade posto que “[...] sem virtude, não há amizade possível!” (CÍCERO, 2013, p. 86), só pode existir em homens de bem, de tal forma que seria até mesmo incoerente atribuir virtude àqueles que agem de maneira desonrosa e corruptível. Cipião que viveu momentos de auge (relembrar a passagem na qual dito que: “sem jamais ter lutado para conseguir o consulado, foi cônsul duas vezes” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 77).), não se desvirtuou em nenhum momento, segundo o que é dito pelo amigo Lélio. Em contrapartida, em *Arte Retórica* é dito que “os homens, na idade adulta, terão evidentemente um caráter intermédio [...]” (ARISTÓTELES, *Ret.*, XIV, 1), porém “[...] nada é mais amável que a virtude” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 92) e essa virtude, segundo Lélio, foi sempre presente no caráter de Cipião. Ainda em Castillo, citando Aristóteles, é posto que:

Encontramos uma atitude semelhante em Aristóteles, para quem “a amizade é uma virtude, ou ao menos vem acompanhada de virtude, e, além do mais, é o que há de mais necessário para a vida”. E acrescenta a seguir: “Ninguém gostaria de viver sem amigos, mesmo que possuísse todos os demais bens.”. (CASTILLO, 1999, p. 15).

Sobre a amizade parental é dito em Cícero que é “uma espécie de amizade” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 85), ainda que não resista a tudo. Dessa maneira, a amizade tem mais valia que os laços de consanguinidade. Ainda é afirmado que a palavra amizade provém de amor.

Uma indagação geradora de várias vertentes de pensamentos é a que Cícero expôs:

[...] será por fraqueza e indigência que se busca a amizade, cada uma visando por sua vez, através de uma reciprocidade dos serviços, receber do outro e devolver-lhe esta ou aquela coisa que não pode obter por seus próprios meios, ou seria isto apenas uma de suas manifestações, a amizade tendo principalmente uma outra origem, mais interessante e mais bela, escondida na própria natureza? (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 91).

As duas proposições podem ser respondidas de maneira afirmativa, contudo, se uma pessoa procura estabelecer com outra vínculos de amizade por conta de suas fraquezas e pobreza de espírito, essa amizade tem fins utilitários e não seria derivada de uma pura afeição sem interesses envolvidos. Mas se a origem for outra, como por exemplo, a percepção de que possuem gostos afins, que tem, conforme Aristóteles, “[...] os mesmos inimigos que nós, que odeiam os que nós odiamos e que são odiados pelos que nós odiamos: todos estes parece terem o que para nós é bem; como dissemos, é este o distintivo do amigo” (ARISTÓTELES, *Ret.*, IV, 7), a amizade se dá de forma despretensiosa.

Há que sobressair, porém, que mesmo a amizade tendo sua origem de maneira despretensiosa, com o passar do tempo se espera do amigo uma reciprocidade de afeto, atenção e conselhos. Independentemente de sua origem, o que pode definir uma amizade como verdadeira ou não é o desejo de que o amigo viva bem e seja feliz, despindo-se de toda ira ou inveja que possa surgir com o convívio. A concorrência é também provocadora das mais “irremediáveis desavenças entre os amigos” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 97).

Neste ponto, Lélio mostra que a amizade de Cipião para com ele foi totalmente desprovida de interesses preliminares e que quanto mais uma pessoa não necessita de ninguém, mais amigos possui,

pois aquele que tem mais confiança em si, aquele que está tão bem armado de virtude e de sabedoria que não tem necessidade de ninguém e sabe que traz tudo dentro de si, este sobressai sempre na arte de ganhar amizades e de conservá-las. Quê! O Africano? Necessidade de mim? Senhor! De jeito nenhum. Nem eu dele tampouco, mas eu admirava a força de sua personalidade [...] (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 94).

Deve ser destacada ainda a questão dos limites. Por mais que duas pessoas considerem-se amigas, para que se ajudem mutuamente, devem negar-se a fazer algo que vá em sentido contrário a sua virtude e valores os quais acredita serem preponderantes. “Em amizade, será portanto uma lei nada pedir de vergonhoso e não ceder a nenhuma súplica dessa espécie.” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 102). Sob o mesmo ponto de vista é dito “não pedir a nossos amigos senão coisas honestas [...] é preciso que predomine a autoridade dos amigos mais avisados, e que essa influência se aplique em acautelar os outros, [...]” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 105).

Há, por parte de Lélio, que, como já dito, fazia parte da administração da República Romana, uma preocupação com os caminhos que esta tem tomado, o que mostra cada vez mais o distanciamento da República daquilo que é tido com bom e virtuoso para o povo.

Na sequência de sua fala, Lélio destaca que a amizade não deve nascer da utilidade: “não foi a amizade que decorreu da utilidade, mas a utilidade que decorreu da amizade.” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 110). Neste momento entra-se numa abordagem acerca da amizade útil: não se pode querer um amigo porque há necessidade. Se assim for, não se pode qualificá-la como tal. A amizade é anterior à utilidade. Dois indivíduos já amigos podem precisar um do outro, contudo esta não deve ser a motivação inicial para o desenvolvimento e manutenção da amizade, pois desta maneira haveria apenas interesses exclusivamente pessoais a serem buscados. Os tiranos, por exemplo, não desenvolvem amizades justamente pelo fato que vive da usurpação do poder. No excerto abaixo, observa-se a argumentação de que de nada valem os bem matérias sem que haja amigos. A amizade é, portanto, o bem mais valioso que alguém pode possuir.

[...] o poder de que dispõem muitos homens poderosos é incompatível com toda a amizade fiel. É que a Fortuna não apenas é cega, mas sobretudo torna cegos, na maior parte do tempo, os que ela favorece; eles tombam facilmente na arrogância e na fatuidade, e nada poderia ser mais insuportável que um imbecil feliz. [...] se nos restam os bens materiais, que são mais ou menos dons da Fortuna, uma vida abandonada e desertada pelos amigos não pode ter um aspecto muito risonho. (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 112- 113).

Foi justamente sobre a amizade que se formularam algumas máximas, tidas como verdades, mas refutadas veementemente por Lélio. A primeira máxima diz que um amigo deve agir com relação ao outro do mesmo modo que agiria em relação a si mesmo. Lélio refuta apontando que em muitos casos um amigo faz pelo outro coisas as quais não faria para si mesmo: “Tudo aquilo que, em relação aos nossos próprios assuntos, não seria muito honroso, torna-se inteiramente nobre quando se faz por amigos [...]” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 114). Na amizade há, portanto, uma busca incessante por auxiliar o amigo em questões conflituosas, porém, esse auxílio não é pautado em interesses pessoais, nem em bajulação (como será trabalhado adiante em uma obra de Plutarco), pois “[...] não há flagelo maior na amizade que a adulação, a bajulação, a baixa complacência.” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 137). Neste ponto, a segunda máxima atrela-se à primeira. Na segunda, é afirmado que deva haver uma reciprocidade de serviços prestados. Como não há palavras mais claras que as usadas por Cícero, vê-se que é falha porque “A amizade verdadeira parece-me ser mais rica e mais desinteressada: ela não fica, severa, a controlar se está dando mais do que recebeu. [...] em amizade, jamais se carrega em excesso o prato da balança.” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 114-115).

Já na terceira e última máxima é exposto que “*a estima que cada um faz de si dita a estima que os amigos devem fazer dele*” (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 115). Contrariando-a, Lélio diz que na amizade é preciso fazer com que a autoestima e a moral de um amigo sejam sempre elevadas na boca do outro, levando-o a ser sempre otimista em relação a si mesmo.

Pela refutação das máximas, fica perceptível o quanto Lélio - apesar de se colocar como incapaz de argumentar como os gregos- tem um posicionamento fixo

acerca do que vem a ser a amizade, não permitindo ser influenciado por todas as conceituações alheias.

A amizade é uma das melhores coisas da vida. Muitos, como popularmente é dito, entram na vida das pessoas para somar, porém outros entram para diminuir. Isso acontece principalmente pela dificuldade em discernir quem é amigo de verdade e o qual é falso, isso porque o fingidor sabe se passar por amigo muito bem. Amigos verdadeiros são aqueles que estão presentes nos momentos bons e maus momentos. Já o fingidor na realidade não se importa muito se o “amigo” bem ou não. Conforme afirma Ênio, poeta épico romano, em citação de Lélío: “*O amigo certo se vê nos dias incertos.*” (CÍCERO, *Lélío, ou a Amizade*, p. 119).

Do mesmo modo que acontecia na Antiguidade, ainda atualmente há pessoas que se dizem amigas, entretanto, quando encontram vantagens em abandonar o outro fazem isso com a maior facilidade e não temem corromper-se no que se refere às virtudes: “Há alguns que, em muitos casos, por um pouco de dinheiro deixam transparecer sua volubilidade; já outros, que uma pequena quantia não pôde abalar, cedem diante de uma grande.” (CÍCERO, *Lélío, ou a Amizade*, p. 118). Por este motivo, Lélío priorizou a lealdade (CÍCERO, *Lélío, ou a Amizade*, p. 120) e as amizades antigas (CÍCERO, *Lélío, ou a Amizade*, p. 121), já que nelas é mais fácil enxergar a verdade.

Igualmente, um amigo verdadeiro não deixa transparecer a diferença de nível social entre eles, se existir. Realçar isso seria colocar o amigo em uma posição inferior e fazê-lo sentir constrangimento em ter menos bens. Ao ser dito que “[...] os que têm uma posição destacada não devem se contentar em torná-las menos visíveis na amizade, devem também de algum modo elevar a posição dos mais modestos” (CÍCERO, *Lélío, ou a Amizade*, p. 124), Lélío destaca a importância de auxiliar os amigos para que eles também possam ascender socialmente. Em contrapartida, isso é preciso ser feito de modo que o amigo com nível social inferior não se sinta em dívida ou como alguém merecedor de piedade.

É preciso aprender a respeitar as diferenças. Mais que isso, valorizar o que as une, admirar o amigo e manter as disparidades longe do debate na amizade. Ao contrário, o relacionamento pode vir a tornar-se inimizade. Para tal, Lélío traz um aconselhamento:

[...] a primeira das coisas a fazer é evitar os conflitos entre amigos; se tal coisa acontecer, que a amizade pareça ter-se extinguido naturalmente, em vez de ter sido sufocada. Cumpre de fato zelar, sobretudo, para que a amizade não se transforme num ódio funesto, engendrando discussões, insultos, acusações injuriosas. (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 128).

De forma conclusiva, em *Lélio, ou A amizade*, Lélio reforça o laço afetivo e a admiração que sempre manteve com Cipião:

Amei a virtude desse homem brilhante, e essa virtude não se extinguiu. Não sou o único a ver seu brilho passar diante de meus olhos, que eu sempre a tive a meu alcance, firme como uma lanterna: ela brilhará e será um farol para nossos descendentes. Ninguém jamais conceberá ambições ou esperanças um pouco elevadas sem pensar que deve tomar por modelo a memória e a imagem de Cipião. [...] Se a recordação dessas imagens, a emoção que a elas permanece ligada, morresse juntamente com Cipião, eu seria totalmente incapaz de suportar a falta de um homem que foi o mais próximo de mim, e que eu mais amava. (CÍCERO, *Lélio, ou a Amizade*, p. 144-145).

Pelo que fora exposto, fica claro o motivo de o livro poder chamar-se “Lélio” ou “A amizade”, já que Cícero utiliza-se de Lélio para transpor ao texto o conteúdo da amizade, que é personificada na relação entre Lélio e Cipião.

5- PLUTARCO

Plutarco, que depois de convertido em cidadão romano, por concessão de Mestrio Floro, passou a ser chamado de Lucius Mestrius Plutarchus, nasceu em Queroneia, interior da Beócia, região do Vale das Musas, e faleceu na mesma cidade. Com relação a sua data e nascimento e morte, na apresentação escrita por Pinto (1997, p. 09) e inerente a *Como distinguir o bajulador do amigo* é dito que ele nasceu em 47 d.C e morreu em 120 d.C. Em Funari (2002, p.66) há a datação de 46 d.C à 120 d.C. Do mesmo modo que Funari, Lages Silva (2013) insere a datação 46/120 d.C.

Foi um filósofo e biógrafo grego, e, de acordo com Maria Aparecida de Oliveira Silva, um historiador “Conhecedor do conteúdo de grande parte dos escritos produzidos entre o período arcaico grego e a época clássica romana, herdeiro da tradição oral grega [...]” (SILVA, 2006, p. 72) que “[...] sobressaiu-se no mundo latino pelos ensinamentos filosóficos que ministrava aos cidadãos romanos.” (SILVA, 2006, p. 24).

Com vinte anos de idade, vai para Atenas a fim de adquirir conhecimentos acerca da retórica e filosofia, por exemplo. Viaja pela Grécia, Sicília, Ásia Menor e Alexandria até que em 68 d.C volta a Queroneia. Roma estava passando por um momento de calma militar e isto proporcionou o desenvolvimento da produção intelectual, o que vai favorecer Plutarco, porque passa a proferir discursos aos romanos. Ganhou maior visibilidade e tornou-se reconhecido entre os romanos. De acordo com Funari (2002, p. 66) Plutarco exerceu “cargos públicos durante os principados de Trajano (98-117 d.C) e Adriano (117-138 d.C).” .

Desempenhou uma função singular para o pensamento grego. Por presenciar momentos de descrença religiosa e filosófica, mergulha no ser humano para atuar como moralista e utiliza como objeto de análise seus costumes, vícios e virtudes. Atenta-se ao convívio entre os indivíduos e abre espaço para o antropocentrismo renascentista.¹⁵. Por estar atento ao convívio social é que foram criadas obras como

¹⁵ Informações baseadas na apresentação da obra *Como distinguir o bajulador do amigo* (1997, p. 09-10).

as que serão analisadas abaixo, já que a amizade é uma forma louvável de convivência humana.

Na relação entre Grécia e Roma Plutarco seria uma “voz conciliadora” (SILVA, 2008, p. 57). Lages (2013) sintetiza essa relação utilizando de Barrow (1965) e Jones (1971) de tal modo que se faz interessante transcrever:

Barrow (1965, p. 141-2), por sua vez, aponta um aspecto relevante no pensamento plutarquiano em relação à época clássica grega (que considerava basicamente gregos e bárbaros, sem espaço para os romanos). Na visão de Barrow, Plutarco representa uma consciência da longa duração do momento histórico dessas duas civilizações, contribuindo para a formação de uma civilização greco-romana. Para outros, como Jones (1971, p. 89-93), Plutarco está ligado aos intelectuais gregos que eram simpáticos à associação da origem de Roma a personagens míticos como Eneas e não ao mito de Rômulo e Remo. Contudo, apesar da preferência por um herói grego, o apoio desses gregos se alinhava ideologicamente à política imperial e ao seu imperador. (LAGES, 2013, p. 112).¹⁶

Plutarco era um admirador dos romanos por eles saberem livrar Roma do domínio macedônico e fornecer à elite romana a capacidade para controlar a população.

Escreveu uma média de 227 títulos, mas cerca da metade não perpassaram ao tempo. Uma de suas obras de grande notoriedade é *Vidas Paralelas*, no qual compara personalidades de Grécia e de Roma. Escreve também *Obras Morais* e de *Costumes* e influenciou outros escritores na criação de suas obras, a exemplo de Shakespeare, em seus dramas, e Montaigne, na área da filosofia. Como filósofo, Plutarco foi influenciado pelo estoicismo e tem heranças dos ensinamentos de Platão.¹⁷

¹⁶ Tito Lívio em *História de Roma* e Virgílio na *Eneida* utilizam Eneas como fundador de Roma. Eneas era filho de Anquises com Afrodite.

¹⁷ As informações acerca de Plutarco aqui inseridas foram retiradas da obra *Plutarco historiador: Análise das Biografias espartanas*, de Maria Aparecida de Oliveira Silva.

5.1- O INIMIGO COMO CONDUTOR PARA A MORAL

A obra *Como tirar proveito de seus inimigos* é dedicada a Cornélio Pulcro, amigo de Plutarco, e foi inspirada em uma frase proferida por Xenofonte. Cornélio Pulcro era para Plutarco “o ideal de homem político [...] admirava sua capacidade de conciliar a ordem romana ao modo de fazer política dos gregos” (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 11). Portanto, esta obra que será analisada a seguir foi formulada com a estrutura de uma carta direcionada diretamente ao amigo.

No livro, Plutarco estrutura seu discurso de modo que é possível perceber neste um perfeito manual de instruções que ensina ao leitor como tirar proveito daqueles que são inimigos, sendo, então, uma obra de cunho moral. Um amigo é essencial para qualquer pessoa, como já fora aqui exposto, mas o inimigo também é se houver a perspicácia de saber lidar com eles. E é justamente sobre a importância do inimigo a que Plutarco vem debater nesta obra.

Ainda na introdução é dito por Silva (2015) que:

O autor destaca a necessidade de se estar atento à maldade dos inimigos, munidos da prudência e da sensatez. Outro ponto importante é melhorar a nós mesmos utilizando os inimigos como instrumento. [...] Plutarco ainda aconselha que para nos relacionarmos com nossos inimigos é necessário aprendermos a conter nossa própria inveja diante dos seus sucessos e manter nossa alegria diante da sua prosperidade. [...] os inimigos [...] podem nos ser úteis para o nosso caminho em busca da virtude. (PLUTARCO, 2015, p. 15-17).

Já no capítulo inicial Plutarco afirma que não existiu administração no âmbito político que não fosse carregada de rivalidades e inveja. As palavras dele tornam-se extremamente corretas ao verificar que em toda a história aqueles que foram administradores políticos ou ao menos objetivaram ser, sofriam com a inveja alheia e com a rivalidade, valendo ressaltar que situações assim permanecem vigentes na sociedade atual do século XXI. Similarmente Aristóteles traz no Livro II de *Arte Retórica* um capítulo referente à inveja. Para ele “a inveja é uma espécie de pena causada pelo êxito visível nos bens já indicados e obtidos por um dos nossos pares

[...]” (ARISTÓTELES, *Ret.*, X, 1) e “os que buscam as honras são mais invejosos que os que não as buscam” (ARISTÓTELES, *Ret.*, X, 3). Ou seja, no campo político a inveja e rivalidade imperam naqueles que buscam um mesmo cargo, já que o poder e reconhecimento político conduzem à fama. Todas as pessoas que estão em cargos de notoriedade tornam-se alvo dos invejosos.

O que Plutarco acrescenta e vira um grande diferencial na sua obra é a ideia de que um sujeito argucioso deve tirar proveito até mesmo dos que são contra sua ascensão. Para isto ele usa a metáfora do agricultor e do caçador:

O agricultor não pode transformar todo tipo de árvore em um cultivo frutífero, nem o caçador pode domesticar todo tipo de animal selvagem; procuraram, conforme outras necessidades, tirar proveito, aquele das árvores que não davam frutos e este dos animais que eram selvagens. (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 31).

De acordo com essa exemplificação e adaptando à temática principal deste trabalho, é evidente que nem todas as pessoas que mantem convívio conseguem ser amigas. Algumas viram inimigas e é neste exato momento que é preciso atuar de maneira semelhante ao agricultor e ao caçador: saber tirar proveito daqueles com quem se tem inimizade.

A sutileza como os inimigos agem torna os sujeitos vulneráveis a eles, pois “põe-se à espreita das tuas ações, procura um pretexto de toda a parte, patrulha a tua vida [...] através do teu amigo, do teu escravo e de todo aquele que te for familiar;” (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 38). Muitas vezes, portanto, o inimigo não vai ao encontro direto do outro, utilizando os que os cercam para saber como agir. Por este motivo é que se deve ter “precaução” (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 40) e atuar sempre seguindo os princípios morais na tentativa de ser um homem bom. Assim sendo o inimigo não terá os instrumentos necessários para “derrubar” aquele a quem tem repulsa. Ademais “Se quiseres perturbar aquele que odeias [...] sê prudente, dize a verdade, usa o sentimento da humanidade e de justiça com aqueles que encontrares pelo teu caminho.” (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 40).

Se, contudo, houver a necessidade de uma crítica, primeiro deve ser analisado que aquilo que será criticado no outro não se encontra no “eu”, pois “é ridículo criticar e ridicularizar o que quer que possa ser criticado de volta [...]” (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 54). Portanto “Aquele que critica não deve ser bem-nascido, de voz potente e agressivo, mas incensurável e irrepreensível;” (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 58). Fica a cargo desse “eu” após a crítica feita analisar se procede ou não e independente da resposta privar-se de cometer a (in)ação criticada.

Quando então é dito algo que não é verdadeiro, porque é uma mentira, não debes desprezar e descuidar dela, mas examinar algo semelhante á calúnia que te foi imputada dentre as palavras que foram ditas por ti, ou dentre as ações que realizaste, ou dentre as ocasiões nas quais te empenhaste e dentre as tuas relações sociais, e lidares com isso e disso escapares. (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 71).

Muitas vezes um amigo não consegue perceber falhas que um inimigo percebe. Expondo as palavras de Platão, nesta obra é dito que “o amor é cego a respeito do objeto amado.” (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 73). E partindo do ensejo de se falar em Platão, na obra plutarquiana, é notória a influência dos escritos de Platão. Por três vezes Platão é citado. Nesta já citada e em mais duas:

[...] Platão todas as vezes que estava ao lado de homens que se comportam mal, costumava se perguntar: “Será que de algum modo eu não sou como esses?”. E se aquele que criticou outra vida, examinar a si mesmo e mudar para melhor, corrigindo-a e a direcionando-a para o contrário, obterá algo útil dessa crítica [...]. (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 53-54).

[...] conforme Platão, e se deve ter sempre ao alcance das mãos de Sólon [...]. (PLUTARCO, *Como tirar proveito dos seus inimigos*, p. 102).

O que se observa nesta e na próxima obra a ser analisada do mesmo autor é a atualidade de seus escritos. Todo o texto foi construído de uma forma que a leitura se dá de maneira rápida e prazerosa pelo caráter acessível com que elaborou seu discurso. De acordo com Aristóteles “uma aprendizagem fácil é por natureza,

agradável a todos; por seu turno, as palavras têm determinado significado, de tal forma que as mais agradáveis são todas as palavras que nos proporcionam também conhecimento.”¹⁸.

¹⁸ Citação extraída da página 203 de uma versão de 2015 da *Retórica* com tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhous e Alberto e Abel do Nascimento Pena.

5.2- A BAJULAÇÃO: FACETA DA FALSIDADE.

Quando se trata de amizade, uma das distinções que é preciso fazer é entre amizade e bajulação. Nos tempos modernos em que a amizade é erroneamente confundida com outros tipos de relações, que mais a frente serão detalhadas, torna-se conveniente estabelecer estas distinções.

A amizade, entendida como a relação de afeição entre indivíduos, tornou-se ao longo da história um tema que sugere uma ampla abordagem. Ao mencioná-la, naturalmente o amor é atrelado, podendo inferir que amor e amizade possuem conjunturas afins. Ao mesmo tempo, o desamor e a inimizade são postos como contrapontos a estes sentimentos.

Aristóteles traça uma definição precisa nesse capítulo acerca da amizade e do amor. Amar, segundo Aristóteles, é querer para o outro somente coisas boas, pensando exclusivamente nesse outro e não no próprio bel-prazer. Já o amigo é “aquele que ama e é amado em retorno” (ARISTÓTELES, *Ret.*, IV, 2).

Em *Como distinguir o bajulador do amigo* Plutarco leva o leitor a repensar sobre seus próprios erros, mostrando que ninguém é tão culpado por estar cercado de bajuladores quanto a própria pessoa que se deixa cercar, expondo seu ego e sua necessidade de se manter rodeada de indivíduos os quais precisa para conseguir manter-se como detentor de razão e poder.

É claramente visto durante a obra de Plutarco as influências dos ensinamentos de Platão, como aponta Silva em *Plutarco historiador*, porque o cita por meio de exemplificações ao longo dos seus escritos. Ao mesmo tempo percebe-se uma influência aristotélica no modo de abordagem. Aristóteles no Livro II de sua *Retórica* traz um capítulo intitulado *A amizade e a inimizade*, e os conceitos aristotélicos para amizade vão ao encontro dos conceitos plutarquianos.

Os laços familiares são, na maioria dos casos, determinantes para que haja a afetividade, sendo para Aristóteles “espécies de amizade” (ARISTÓTELES, *Ret.*, IV, 28), contudo, quando não há o laço de consanguinidade o vínculo entre as pessoas se dá por total liberdade, e é no campo das abordagens morais e éticas que a amizade passa a ser um assunto de preocupação por parte dos indivíduos. Desde a

Grécia Antiga, a *philía* era abordada, sendo a partir dos clássicos que será nesse trabalho abordada.

A bajulação, trabalhada em Plutarco, tem o amor-próprio como meio que favorece a sua proliferação. Este amor é o sentimento que muitas pessoas despejam sobre si mesmas e é, na atualidade, um dos temas de estudo de cunho psicanalítico e psicológico. Pessoas que se amam evitam pensar em seus defeitos, suas tristezas ou mágoas passadas, focando naquilo que acreditam ser edificantes da sua personalidade. É neste momento que o bajulador encontra terreno fértil para atuar. A maioria das pessoas que possuem amor-próprio compreende o bajulador como amigo que está a todo tempo trabalhando em favor da edificação do seu ego e quer o ver sempre bem. É sobre tal enfoque que a distinção precisa entre bajulador e amigo se confunde.

Outro ponto relevante é que o bajulador não se aproxima dos que não estão em ascensão ou passando por algum problema, mas junto àqueles que estão vivendo bons momentos, levando em consideração o fato de ser mais fácil bajular aquele que já está feliz ou cheio de si, do que aquele que vai mal, ficando este último como missão dos amigos verdadeiros. Como disse Plutarco: “ali, ele engorda às suas custas e deles se afasta ao primeiro contratempo.” (PLUTARCO, *Como distinguir o bajulador do amigo*, p. 13).

Os vínculos de amizade são fortificados quando os indivíduos percebem que possuem os mesmos gostos e hábitos similares e o bajulador utiliza-se, portanto, de forma que sabem que podem agradar, mostrando-se atrativo, dócil e com grande mobilidade para se adequar àquele que procura convencer. Neste ponto, Aristóteles mostra que os amigos apesar de possuírem gostos afins e, em muitos casos, se ocuparem das mesmas tarefas, permanecem amigos desde que não haja concorrência ou rivalidade entre eles na busca pelo mesmo ofício.

Na sequência de *Como distinguir o bajulador do amigo* Plutarco traz um conselho para os que pretendem descobrir se está cercado por um amigo ou bajulador: “Mas quer reconhecer esta mobilidade semelhante à do polvo? Finja você mesmo mudar; censure o que você tinha elogiado inicialmente.” (PLUTARCO, *Como distinguir o bajulador do amigo*, p. 23). Do mesmo modo que os tentáculos de um polvo possuem mobilidade impressionante, um bajulador ao ver o ser bajulado

mudando hábitos ou alternando gostos, tentará mudar concomitantemente, o que mostra sua falta de personalidade, podendo ser desmascarado.

Contudo, o bajulador não adquire mobilidade para se adequar àquilo que é bom e justo, mas ao mal. Os amigos, em sua grande maioria, reprimem os defeitos do outro, almejando sua melhora, já o bajulador busca assemelhar-se até nos defeitos para conquistar cada vez mais a confiabilidade e confiança. Em muitos casos chega até a colocar-se como inferior para elevar o outro.

Porém, efetivamente como nos apresenta Plutarco há algo que faz os amigos e bajuladores em muito assemelharem-se: ambos procuram ser agradáveis. Todavia, os elogios proferidos por um amigo vão em direção a homens humildes, já os de um bajulador são direcionados aos deturpados.

No tocante a ser agradável, Aristóteles também aponta ser essa uma das características do amigo, como exposto no excerto: “Amamos ainda aqueles com quem se pode passar agradavelmente o tempo ou o dia; tais como as pessoas de bom humor, as que não estão à cata de ocasiões para nos censurarem as faltas, as que não são ambiciosas nem briguentas.” (ARISTÓTELES, *Ret.*, IV, 12). Nota-se, então que a ambição, a censura e os desentendimentos não podem permear a amizade.

Ademais, o excesso de elogio torna-se duvidoso por ser desprovido de franqueza. Afagar demais o ego alheio pode ser prejudicial, pois “falsos elogios, imerecidos, cegam e confundem aquele a quem são dirigidos”. (PLUTARCO, *Como distinguir o bajulador do amigo*, p. 40) ao passo que só conseguem “[...] favorecer uma paixão perigosa, inflamar uma cólera insensata, irritar o desejo, nutrir o desejo, nutrir um orgulho insuportável, alimentar a dor com seus lamentos;” (PLUTARCO, *Como distinguir o bajulador do amigo*, p. 47).

Quando no lugar do elogio se faz necessário uma repreensão, o amigo precisa proferir palavras que tragam consigo a utilidade e o convencimento, para que sejam escutadas com atenção e respeito. Neste momento, o amigo precisa esvaziar-se de toda malícia e conduzir o outro à reavaliação de valores e atitudes, por mais que o ser ouvinte já seja próspero e feliz. É conveniente também não se colocar como ser incorruptível e incapaz de errar, pois:

“[...] aquele que, ao corrigir os outros, se coloca na posição de um homem incorruptível e isento de qualquer paixão, ao menos que tenha uma idade muito superior à nossa ou uma reputação de virtude bem estabelecida, torna-se odioso, insuportável, e suas advertências, inúteis.” (PLUTARCO, *Como distinguir o bajulador do amigo*, p. 76-77).

E, para prevenir um amigo do mal, Plutarco aconselha mostrar a esse a vergonha em agir de determinada maneira não virtuosa.

Sobre esse enfoque é salientado por Aristóteles, que mostrando ao amigo o que não se deve fazer, não é necessário despertar neles a vergonha em confessar seu erro. Não há como ser amigo ou amar alguém a quem se tem medo ou vergonha.

Plutarco ainda amplia a abordagem relatando sobre os favores prestados. Um amigo verdadeiro presta um favor sempre que possível, atuando de bom grado e com o único objetivo de ajudar. O bajulador procura todos os meios (im)possíveis para fazer o favor, mas objetiva o reconhecimento do outro sobre a ação praticada, dispensando totalmente o anonimato. Porém, se o favor implicar em alguma forma de perigo para o bajulador, ele busca livrar-se de praticá-lo. “O que produz a amizade é a benevolência, os serviços prestados sem que tenham sido solicitados e sem que posteriormente sejam publicados; nestas condições, tais serviços foram prestados apenas em atenção ao beneficiado, e não por outro motivo.” (ARISTÓTELES, *Ret.*, IV, 29).

6- PEQUENOS APONTAMENTOS ACERCA DA AMIZADE

A pesquisa aqui apresentada pretendeu abordar a temática da *philía* grega para que fosse possível perceber as mudanças ou permanências no modo de conceber essa relação hoje. De acordo com o que fora exposto, foi possível notar inclinações afins entre o modo de abordagem de Cícero e Plutarco a respeito da *philía*, salvo alguns temas distintos os quais enfatizaram em suas obras.

Cícero através de seu porta-voz Lélío traça o que para ele era amizade. No sentido mais estrito era a relação entre dois seres virtuosos, unidos por uma afinidade que pelo menos a princípio não precisa ser baseada na utilidade. Portanto, “Há algumas coincidências nos textos de Aristóteles e Cícero [...]: a amizade é desejo mútuo do bem entre os amigos; e é uma situação de íntima convivência na qual os amigos compartilham bens materiais e bens espirituais.” (CASTILLO, 1999, p. 17).

Para Cícero a amizade seria então fundamentada no desejo de ver o amigo feliz e na não necessidade de tê-lo por ser útil. Cipião não precisava de Lélío e nem Lélío dele, mas se admiravam e isso sustentava a relação entre ambos.

Do mesmo modo Plutarco o faz na tentativa de através da figura do bajulador e do inimigo discernir o que vem a ser ou não amizade verdadeira. Mas há que sobressair que “Embora Cícero compartilhe alguns temas com o ensaio de Plutarco, sobre a diferença entre amigos e lisonjeadores, seu tratamento não se adapta a um mundo de cortesãos, mas às amizades entre iguais ou entre aqueles que procuram o apoio das massas.” (KONSTAN, 2005, p. 192). Concernente a isto Konstan (2005) ainda diz:

Cícero exalta a crítica honesta (*monitio*), que é a adequação à verdadeira amizade, na medida em que ele detesta a lisonja (*adsentatio*, *De amic.* 24.89) e, como Plutarco, aconselha (25.91) que ela seja aplicada de modo sincero (*libere*), e não de modo grosseiro. Novamente, o adúlador é condenado por não ter nenhum caráter próprio, mas por adaptar-se a cada capricho de outra pessoa. (KONSTAN, 2005, p. 191).

Um lisonjeador é extremamente flexível e sempre está atento procurando encontrar meios de fazer o outro se sentir ainda mais cheio de ego. Não é alguém dotado de concepções próprias e com moral inabalável. Conclui-se, então, que o bajulador é um ser não virtuoso e identificado por sua flexibilidade.

No capítulo três do Livro VIII da *Ética a Nicômaco*, Aristóteles diz que o segredo da amizade perfeita é a união entre seres virtuosos. Uma pessoa dotada de virtude é repleta de bondade e isto impossibilita que esta se relacione com outros indivíduos por interesse ou prazer. Os verdadeiros amigos são parecidos na virtude e só desejam o bem aos seus semelhantes visto que são na mesma medida bons.

Adotando a virtude e a bondade como pilares para a *phília*, vê-se que uniões baseadas nesses dois quesitos tendem a durar mais, pois em dado momento um ser pode deixar de ser útil ao outro, pode deixar de simbolizar prazer, mas o contato com pessoas bondosas sempre será uma necessidade.

Na amizade útil, o *phílos* não é amado por ser bom, mas pelo bem que proporciona em dada situação. O amigo não é amado em si mesmo nem por si mesmo, mas por causa da utilidade que proporciona. O mesmo se aplica aos que procuram *phília* por conta do prazer. Em ambos os casos, o amigo não é amado pela sua essência, mas pelo que ele pode oferecer. Isto, portanto, não é amizade verdadeira. Um bajulador, como visto em Plutarco, não pode ser amigo, pois ele não é um ser virtuoso e a pessoa que a ele se atrela talvez esteja buscando apenas alimentar seu próprio ego ou até mesmo está inocente acreditando ser amigo quando na verdade não é. Por ser um ser corruptível, o bajulador cedo ou tarde é descoberto nas suas mentiras e, diferente da amizade perfeita, rapidamente irá desfazer-se.

No primeiro capítulo, o maior objetivo era o de apresentar a visão de amizade na Antiguidade a fim de que pudesse ocasionar uma reflexão acerca do tema na atualidade e a compreensão da amizade nesse período da história. No segundo, o enfoque na retórica serviu para esclarecer como os autores aqui trabalhados direcionaram seus discursos de modo que fosse compreensível, convincente e sempre atual.

As duas obras de Plutarco possuem um caráter pedagógico, pois ensinam como atuar mediante bajuladores e inimigos. Escrito em média cem anos após Cristo, o texto de teor filosófico e moralista *Como distinguir o bajulador do amigo* aprofunda-se no conceito de bajulação, que é corriqueiramente confundido com a amizade. Os adutores poderiam ser perfeitos atuantes no teatro, pois sabem adequar-se a diferentes situações e (re) criam discursos para cada ocasião na tentativa de agradar o ser bajulado.

Em *Como tirar proveito dos seus inimigos* o leitor é levado a perceber no inimigo um ser utilitário. Por meio dele é que se pode equacionar como o “eu” está sendo visto no mundo e qual sua “fama” entre os que o rodeia. Se for defamado por algum aspecto, o correto a se fazer é afastar-se das críticas sendo o mais virtuoso possível.

Ambos os textos são altamente atuais, pois ainda hoje há indivíduos que ocupam os seus dias com a bajulação. Inclínados pela riqueza ou poder alheio, tornam-se parasitas daqueles que estão em uma condição de renome social. A *philía* por interesse e originadas pelo âmbito político, por exemplo, assim como era visto na Antiguidade, ainda é presença marcante no século XXI.

Por outro lado, por meio do texto de Cícero é possível reconhecer nas figuras de Lélío e Cipião o que seria uma amizade perfeita, de acordo com os preceitos aristotélicos, e, serve de reflexão aos leitores atentos a reavaliar o tipo de *philía* que possui e se as formas de relacionamento que estabelecem podem de fato ser conceituadas como amizade.

O que mais se vê atualmente são pessoas amigas por conveniência. A maior parte dos indivíduos obviamente procura o que convêm, mas a amizade não deveria enquadrar-se nesse ciclo de relações por interesse. Este interesse, contudo, já está tão enraizado na mente humana que quando alguém se aproxima e se mostra bondoso a primeira indagação feita é a do que essa pessoa objetiva com o contato.

O egoísmo intrínseco ao homem o faz querer sempre tirar vantagem em alguma coisa e é justamente isso que gera o sentimento de desilusão e desconfiança. Está sendo perdida, quiçá não já foi, a capacidade de confiar naqueles que nos rodeiam.

Nessas considerações finais é importante ressaltar que para ter a certeza que o sentimento nutrido é verdadeiro basta que não se tenha resposta para o motivo que levou à amizade. Quando verdadeira, não se tem motivo nenhum para que a aproximação tenha acontecido. Se alguém está no círculo de amizade de outro por ser engraçado, porque alimenta o ego ou por precisar para dar continuidade a algum projeto, essa amizade não tem origem verdadeira. Diferente do amor, a amizade não pode ser descrita de uma maneira tão simples.

7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômano*. Trad. Vallandro e Greg Bornhein da versão inglesa de W. D. Ross. 4 ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991.

_____. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015.

_____. *Arte Retórica e Arte Poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

BARRETO, Maria Cristina. *Reflexões sobre a questão da amizade no mundo contemporâneo*. Disponível em: <http://eventos.liverra.com.br/trabalho/98-1018933_18_06_2015_16-57-30_4396.PDF>. Acesso em: 04 set. 2016.

BRISOLARA, Oscar. *HOMOSSEXUALIDADE: RELAÇÕES HOMOAFETIVAS MASCULINAS NA ANTIGA GRÉCIA - ONE OLDER MAN'S RELATIONSHIP WITH A YOUNGER MAN*. Disponível em <<http://oscarbrisolara.blogspot.com.br/2014/01/relacoes-homoafetivas-masculinas-na.html>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

CÍCERO, Marco Túlio. *Saber envelhecer e A amizade*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2010.

_____. *Brutus e a Perfeição Oratória. (Do melhor gênero de oradores)*. Tradução e notas de José Rodrigues Seabra Filho. Belo horizonte: edições Nova Acrópole, 2013.

CASTILLO, Geraldo. *Educar para a amizade: um manual para pais e professores*. Trad. Roberto Vidal da Solva Martins. São Paulo: Quadrante, 1999.

Dicionário Online de Língua Portuguesa. Disponível em:< <http://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 02 set. 2016.

DOMINIK, William J. As origens e o desenvolvimento da retórica romana. In: AMARANTE, J; LAGES, L. *Mosaico Clássico: Variações acerca do mundo antigo*. Salvador: UFBA, 2012. 316 p.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Antiguidade Clássica: A História e a Cultura a partir dos documentos*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

KONSTAN, David. *Amizade no mundo clássico*. Trad. Marcia Epstein Fiker. São Paulo: Odysseus, 2005.

LAGES, L.. Lições de Plutarco sobre a Comédia Grega. In: POMPEU, A. M. C.; BROSE, R. DE; ARAÚJO, O. L. DE; OLIVEIRA, R. A. DE. (Org.). *Identidade e Alteridade no Mundo Antigo*. 1ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013, v. 1, p. 109-116.

LAUSBERG, Heinrich. *Manual de Retórica literária: Fundamentos de uma ciência de la literatura*. Madrid: Editorial Gredos, S.A,1966.

_____. *Manual de Retórica literária: Fundamentos de uma ciência de la literatura*. Madrid: Editorial Gredos, S.A,1968.

MARCONATTO, Arildo Luiz. *Protágoras de Abdera (480 - 411 a.C.)*. Só filosofia. Disponível em: < http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=20>. Acesso em: 05 fev. 2017.

MATTAR, João. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010. 342 p.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos *in: Retóricas de ontem e de hoje*. Editora Humanitas, 2004.

OSUNA, Esmeralda. Cícero e o impulso civilizatório. In: CÍCERO, Marco Túlio. *Acadêmicas*. Trad. José Rodrigues Seabra Filho. Belo horizonte: Nova Acrópole, 2012, p. 07-44.

PLATÃO. *Fedro*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1975.

_____. Górgias. In. *Diálogos*, vol III-IV. Belém: Universidade Federal do Pará, 1980. Tradução de Carlos Alberto Nunes.

PLUTARCO. *Como distinguir o bajulador do amigo*. Trad. Célia Gambini. São Paulo: Scrinium Editora, 1997.

_____. *Como tirar proveito dos seus inimigos*. Trad. Maria Aparecida de Oliveira Silva. 1 ed. São Paulo: Edipro, 2015.

SANTTOS, Edivan. *Obvious*. Disponível em: <
<http://belezaaos50.blogspot.com.br/2016/02/a-amizade-segundo-os-gregos.html>>.

Acesso em: 03 set. 2016.

SILVA, Jadson Teles. Acerca das noções de amizade e amor: Contrastes entre Aristóteles e kierkegaard. *Kínesis*, Vol. IV, nº 08, p. 27-39, 2012.

SILVA, L. L.. Entre Aristófanés e Menandro: recepção crítica da comédia grega no fim da República e começo do Império Romano. *A Palo Seco: Escritos de Filosofia e Literatura*, v. 1/n.5, p. 32-41, 2013.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Plutarco historiador: Análise das Biografias espartanas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

VRISIMTZIS, Nikos A. *Amor, sexo e Casamento na Grécia Antiga*. Trad. Luiz Alberto Machado Cabral; ver. Rosana Citino; ilustr. Gabriela Brioschi. São Paulo: Odysseus, 2002.